

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

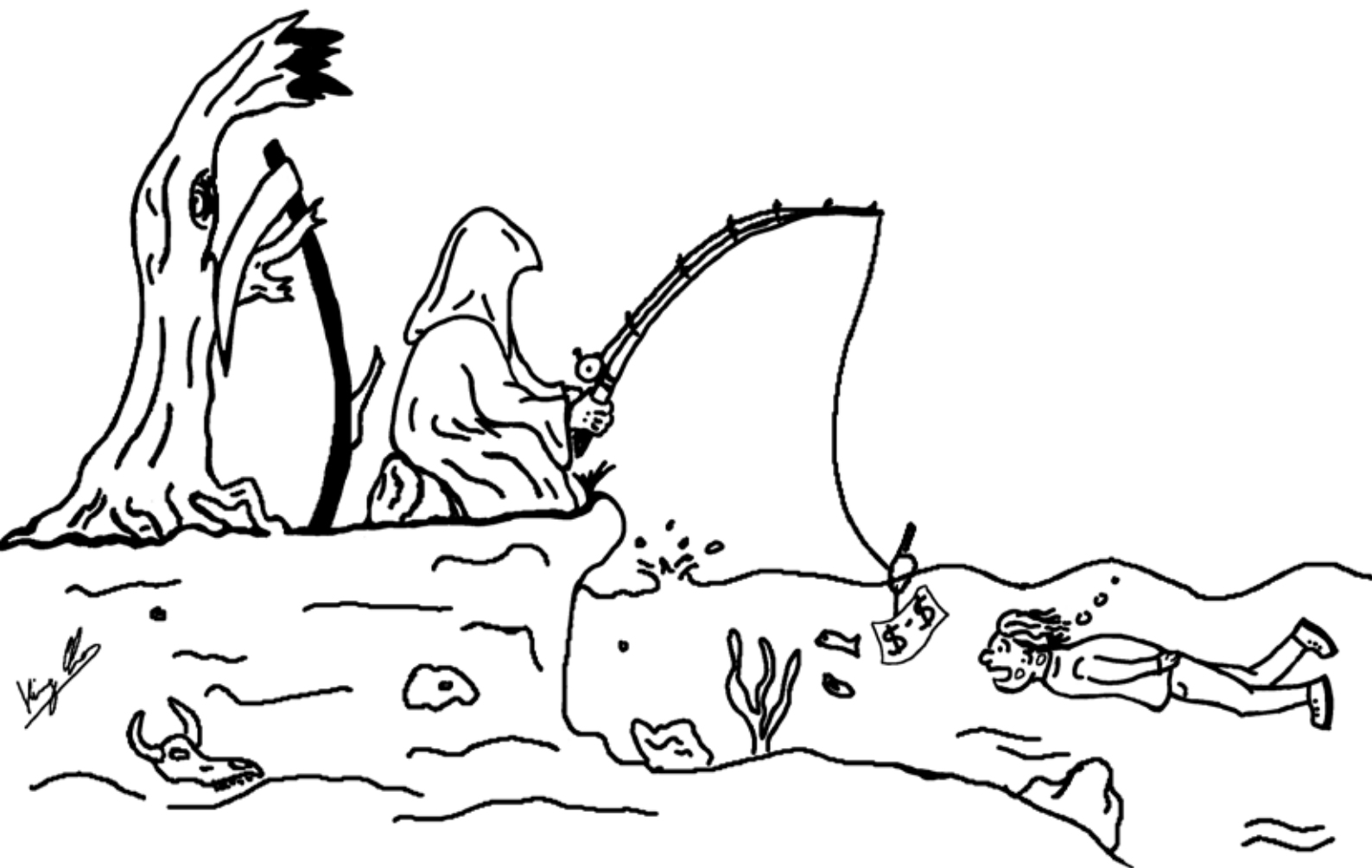
Nº XXVII XII/X Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus nº XXVI

Editor: Mosath

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Aires Ferreira, Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Lurker, Metzli, Outubro

Colaboradores: Adamastor, Charles Sangnoir, Fátima Vale, Filipe, Gilberto de Lascaris, José Macedo Silva, Júlio Mendes Rodrigo, Luís Couto, Lupum, Melusine de Mattos, Naive, Paulo César

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

Pág.1, 18: Laetitia Mantis – laetitiamentis.wordpress.com

Pág.4, 8: Júlio Mendes Rodrigo

Pág.6, 7: Hans Holbein

Pág.10: David Richards – tchaikovskycf.deviantart.com

Pág.11: Beata – sabotazystka.deviantart.com

Pág.12: Sam Lim – samlim.deviantart.com

Pág.13, 31, 32, 36, 37, 38, 39: Paulo César – www.paulocesar.eu

Pág.14: Courtney Robertson – legacyantic.deviantart.com

Pág.16: Claire Jones – tasastock.deviantart.com

Pág.17: Francisca Pageo – misspaperclip.deviantart.com

Pág.19, 30, 40, 41: AssassIn – www.fabiopoupinha.pt.vu

Pág.20, 22, 25: Bruno Miguel Resende

Pág.26: Narwhal – stone100.deviantart.com

Pág.28, 29: Mosath

Pág.33, 35: Metzli

Pág.45: Shanti – supermimbles360.deviantart.com



Editorial

Mosath

«Deusa, há oito anos que não olho para uma sepultura... não posso mais com esta serenidade sublime! Toda a minha alma arde no desejo do que se deforma e se suja e se despedaça e se corrompe... oh, Deusa Imortal, eu morro com saudades da morte!» (“A Perfeição”, Eça de Queiroz)

Chegado o Solstício de Inverno, apetece-me celebrar as noites frias ao pé da lareira, acompanhado por Literatura e bebida, além de boa companhia humana.

O Inverno é fundamentalmente uma data em que os nossos corpos se aquecem com o calor da alma, do espírito, da criatividade e do trabalho/empreendimento. Não esquecendo, logicamente, a tranquilidade familiar e a segurança das amizades.

Iniciámos mais um número da Infernus, com a temática da Morte e, logo nesse início, surgiram incertezas quanto à abordagem que cada um protagonizaria. Enquanto Satanista, tenho que colocar-me numa posição de total adoração à vida, portanto a Morte fica a olhar-me de costas. Isto passar-se-á com muitos de nós, Satanistas ou não. O mote desta Infernus assenta no que a Morte representa para o Satanismo, para os Satanistas, para o Individualista. Quando uma vida recheada de prazeres, trabalhos, lutas e alegrias termina para um Satanista, o que é que a Morte lhe diz? Um receio, um horrível medo, uma passagem? Ou não terá passado somente de um ponto de costumes no horizonte que o arremessa a aproveitar a vida enquanto esta monopolizava-o?

A Morte era narrada nos Clássicos com pompa e circunstância literária a um nível como o era a vida. As situações mais impactantes eram vistas e escritas e transmitidas com heróico tom de voz. Em passagens de tempo mais recentes, isso mudou, mas por mais que o mundo mude ou se perca, a preocupação central continua a ser a Morte. A recta final. O fim. O vazio.

Não me insiro em crenças de reencarnação e, apesar de respeitar que as pessoas precisem de tábuas para se segurarem, eu penso que esta vida que me deram é para ser vivida somente uma vez, neste planeta e sem prolongamento ou grandes penalidades. O que para mim é superior motivo de aflição é morrer em vida, não a Morte. Imobilização, vegetação e degradação fatais, sem opções. A eutanásia é um recinto que para muitos não é senão heresia e proibição, mas deverá ser uma opção e uma escolha pessoais, doravante, naqueles casos em que a vontade autêntica a deseja.

Um ser humano em degradação e a vegetar prolongadamente, se em posse da sua vontade mental e interior ou em transmissão emocional de si aos seus próximos e amados desejar o botão final, aos seus dedos, o mesmo, deve ser dado a alcançar.

Por outro lado, a Morte nunca maltrata uma vida quando esta fora experimentada em vontade, conquistas e ideias pessoais. O corpo e a aura da pessoa desaparecem, mas nunca desaparecerá a obra e as impressões/pegadas.

Nesta edição, contamos com artigos de opinião dos nossos colaboradores e contribuidores, as quais são essenciais para se obterem respostas para as perguntas acima. Certamente que a leitura de todos os artigos será para os leitores um misto de deslumbramento e de concordância, senão de ousadia; ousadia que é um dos vectores pelos quais potencializo a vida. E realço o artigo do Gilberto de Lascaris, o qual disserta sobre Ankou – figuras da Morte –. Fascinante; depois não digam que não foram avisados! Interessante detalhe é o de contarmos, nesta edição, com alguma poesia. A Morte é, com certeza, bem “homenageada” através deste género literário.

Boas leituras!

Até 2013! Até ao Equinócio da Primavera! •



ÍNDICE

Nupta Cadavera ----- 4

Júlio Mendes Rodrigo

A Nossa Morte dentro daquilo que represento ----- 10

Lupum

Espectros do Amanhã ----- 13

Naive

pelos Caminhos oblíquos da desmesura ----- 14

Gilberto de Lascaris

Venha “Madame Lamort”... ----- 19

Fátima Vale

Santo Orifício (parte 1) ----- 20

BM Resende

Morte ----- 26

Adamastor

Vazio e Morte na Perspectiva Iniciática ----- 28

Luís Couto

God Unborn ----- 30

Melusine de Mattos

Deslocações Poéticas ----- 31

Mosath

Quando a Morte nos liga ----- 33

Metzli

Dúzia do Diabo ----- 36

Charles Sangnoir

Uma Finalidade Maior ----- 37

José Macedo Silva

Além Morte ----- 40

Aires Ferreira





Nupta Cadavera: Um Prelúdio à Putrefacção

Júlio Mendes Rodrigo



“Os olhos humanos não suportam o Sol nem o coito, nem o cadáver, nem a escuridão, embora com reacções diferentes”

Georges Bataille em “O Ânus Solar”

I

Muito provavelmente, à semelhança da grande maioria dos leitores, também eu, encetei o meu primeiro contacto com a noção da Morte em idade assaz prematura. A primeira memória reporta-se à mise-en-scene, criada no interior de um pequeno e humilde quarto de aldeia, onde sobre uma cama coberta de flores jazia uma menina vestida de branco. Terá sido esta a primeira vez em que senti o quão absurda é a Existência. A partir daí, a carga asséptica que a cor branca acarreta, começou a confundir-se com o conceito da própria morte, ou então, com o Reino do Inorgânico. Igual e desconfortável estranheza apoderou-se de mim quando visiono um filme de ficção científica (atente-se que até há bem pouco tempo, esta era uma cor que predominava nos filmes do género), ou ainda, quando por algum motivo me dirijo a algum hospital.

Uma outra recordação, quicá alguma campesina reminiscência da ars moriendi medieval, prende-se com a imagem de um vizinho idoso, a quem, na hora da sua morte, foram levados familiares e amigos, para que o mesmo se pudesse despedir desta vida e daqueles que com ele privaram no decurso da sua existência. Por algum motivo, que nunca entendi, eu e outras crianças, também fomos convidados a despedirmo-nos do senhor no momento em que este se preparava para abandonar a sua vida terrena.

Obviamente, que a estes iniciais e pueris contactos com a Grande Ceifadora, se sucederam muitos outros. Já vários familiares e amigos foram por ela engajados, interrompendo assim, de forma definitiva esse permanente estado de transitoriedade que é a Vida.

Todavia, essa repulsa que a cor branca me causa, não significa que esse estado, que marca o fim de uma determinada corporeidade, tenha deixado de exercer fascínio sobre mim. Assim, sempre que me deslocar a algum país que nunca tenha visitado anteriormente, uma das primeiras incursões a fazer, consiste em visitar um cemitério. Creio conseguir tirar algumas ilações

bastante interessantes acerca de um povo, simplesmente pela observação da forma como a memória dos mortos é preservada.

Em Portugal, incomoda-me a branquidão marmórea que adorna a grande maioria dos túmulos, bem como o kitsch predominante na arte fúnebre. Na Islândia, por seu turno, fascina-me que a flora que embeleza estes recintos transforme os cemitérios em locais convidativos para ponto de encontro de adolescentes. Em Portugal, ainda, incomoda-me também a memória de ter visto um funcionário de um grande hospital, a ouvir música com headphones a preceito e a mascar chiclete, deslocar um carrinho onde transportava um pequeno caixão branco, entregar de forma “diligente” a uns lacriméjantes progenitores o cadáver do seu pequeno ente querido. Incomoda-me também ter visto um dos funcionários desta instituição passar toda a manhã em volta do seu Mercedes, novo em folha, a recortar grandes pedaços de papelão de forma a proteger a sua preciosa viatura do torrido calor que se fazia sentir. Estávamos em Agosto de 2003, e como diria Luís Buñuel “andaba la muerte con mucho trabajo ultimamente!”.

II

Voltando ainda à questão da Morte no nosso país. Se é verdade que entre nós não abundam os estudos em torno da Tanatologia, excepto aqueles que são produzidos no âmbito académico, e por norma dentro da área da Psicologia, nomeadamente em torno das questões relacionadas com o luto, não poderia deixar passar em branco uma honrosa excepção. Estou a referir-me à obra “A Morte”, da autoria de Maria Filomena Mónica, com a chancela da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Esta obra privilegia um enfoque alicerçado nas reflexões pessoais da autora, nomeadamente, as que ocorreram após a morte de sua mãe. Na minha opinião a mesma obra, como a grande maioria daquelas que orbitam em torno das mundividades pessoais dos autores, enferma de alguns aspectos de leitura mais subjectiva. No caso da autora aqui citada, parece-me que de forma mais ou menos explícita se nota um estigma, para não dizer preconceito de classe. Todavia, este texto tem o grande mérito de contribuir para que a questão da eutanásia não seja tema tabu. Posicionando-se numa linha pró-eutanásia, a autora confessa-se atea e coloca a essa parda eminência que é a Igreja Católica – que nos Estados ditos laicos, ainda continua a exercer uma pernicioso influência em

questões que já não são do seu foro – no seu devido lugar.

Nesta obra, Maria Filomena Mónica, fala-nos das três formas possíveis de abordar a morte: a religiosa, a científica e a filosófica. Assim, a perspectiva religiosa vê a morte como o momento de julgamento e a entrada num outro mundo. A científica, olha a morte como a extinção de um organismo, ou seja, o momento em que o ser humano deixa de existir. Por último, a filosófica considera-a como um fim que deve ser considerado em função da totalidade da vida. No mundo Ocidental, infelizmente, após o eliminar sistemático das autóctones matrizes pagãs, as leis evoluíram alicerçadas na tradição judaico-cristã. Neste sentido, para o cristianismo, o corpo é o involucre da alma, o que o torna sagrado. Não importará por decerto relembrar aqui, o “magnífico” trabalho que o Tribunal da Santíssima Inquisição fez em prol de um Humanismo mais cristão...Segundo a visão científica, a morte é algo que acontece a qualquer organismo quando, este entra em colapso. Ora, de acordo com esta perspectiva, a morte de um ser humano é um acontecimento biológico que em nada difere daquilo que acontece a um animal ou a uma planta. Neste contexto, a tarefa da filosofia, por seu turno, é a de detectar o significado da morte, e, com base nele, fornecer linhas directivas como aceitar a essência humana.

III

“Tu autem mortem ut nunquam timeas semper cogita”
Séneca

Num curioso texto datado da década de 1930, intitulado “Ensaio sobre a experiência da morte”, o seu autor,



“a morte de um ser humano é um acontecimento biológico que em nada difere daquilo que acontece a um animal ou a uma planta.”





“os mistérios e filosofias das últimas décadas da Antiguidade foram quase exclusivamente determinados por esta angústia do indivíduo...”

Paul Louis-Landsberg, coloca-nos logo no início do mesmo a seguinte questão: “Para a pessoa humana o que significa a morte?”. Ao que se segue a seguinte consideração, “O problema é inesgotável: é o próprio mistério do homem abordado sobre determinada perspectiva. Cada verdadeiro problema da filosofia contém os outros todos na unidade do mistério.

Temos, pois, de nos impor limites e procurar uma base de experiência para possíveis respostas; e somos sempre obrigados a deixar de lado problemas de extrema importância. Tão longe ficamos de uma verdadeira metafísica da morte como da vida.”

Para Landsberg, que estabelece um fundamento ontológico da morte, este é um problema especificamente humano que apenas se coloca pela existência do acontecimento que é a transformação de um ser vivo em pessoa. Para o autor, este problema tanto se manifesta na história da humanidade, como na biografia pessoal do indivíduo. Assim, deve-se considerar a pessoa como uma existência que se faz a si própria, ou seja, a actualização de um ser - vir

a ser (Werdessein) que dará sentido a uma unidade à existência pessoal no seu todo. Bastará que ela apareça para transformar o em personalidade o todo da individualidade. Através desta transformação unificadora, todos os demais elementos que precedem a personalização perdem a essência que lhes é própria.

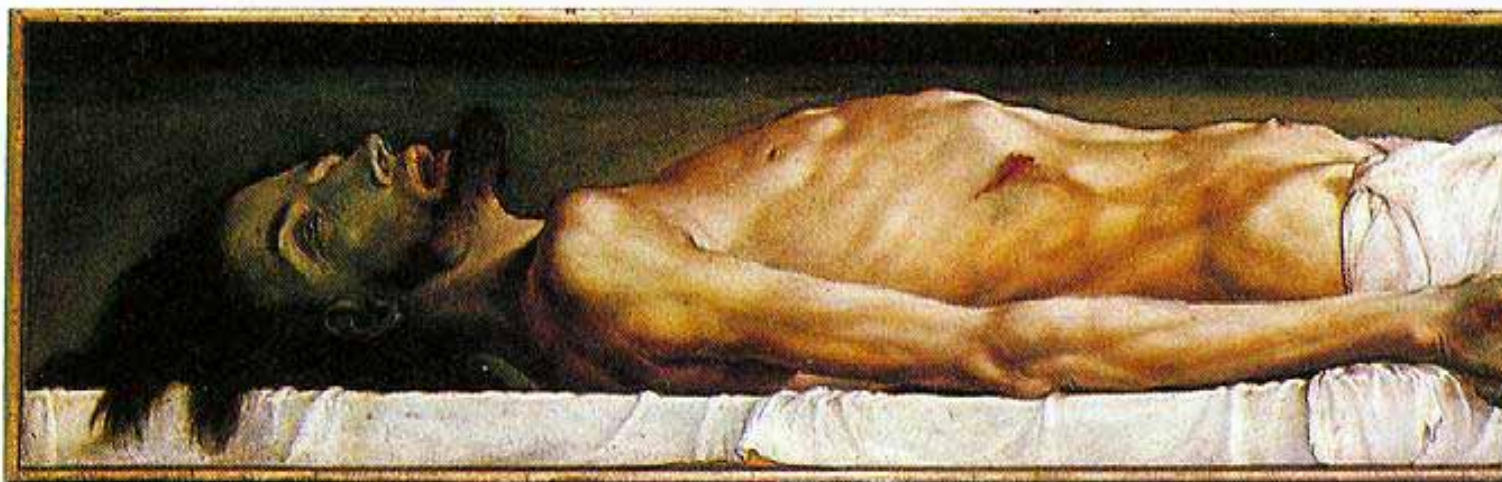
A experiência da morte e a individualização, que lhe está subjacente, só pode ser entendida no seguimento da consecutiva evolução ao longo de várias épocas históricas, ricas em individualidades singulares, devidamente obcecadas pelo pensamento da morte. Nesta perspectiva pode-se entender que, os mistérios e filosofias das últimas décadas da Antiguidade foram quase exclusivamente determinados por esta angústia do indivíduo. A emergência de um novo grau de individualidade humana, e por consequência, uma nova angústia de morte abre as portas aos mistérios, às seitas filosóficas e em última instância à preparação do cristianismo.

Posteriormente, nos períodos do Renascimento e da Reforma, assiste-se ao dissolver da comunidade medieval, e encontramos, novamente, uma humanidade muito individualizada, em permanente tormento com a angústia da morte. É um período em que o indivíduo necessita de se saber justificado na hora da morte. É também, a época das danças macabras e da representação de um Cristo cruelmente realista morto na cruz ou no túmulo. Veja-se a título de exemplo a fantástica pintura de Hans Holbein, o Jovem “Der Leichnam Christi im Grabe”, datado de 1521.

Ainda que esta perspectiva de individualização e de tomada de consciência do indivíduo acerca da sua finitude, como explanado anteriormente, remonte a vários séculos atrás, o surgimento de uma disciplina como a antropo-tanatologia é bastante recente.

O escritor francês, André Malraux, no seu “Lazare” afirmava, o seguinte: “La mort est une découverte récente et inachevée.” De facto, só muito recentemente é que os estudos em torno da temática da morte se tornaram um importante assunto de reflexão. Assim, o campo das Ciências Sociais e Humanas, só encontrou um interessante campo de estudo, a partir da década de 1950, com a publicação dos estudos de Edgar Morin. No entanto, são vários os nomes que surgem na senda deste precursor. Citarei apenas alguns, a título de exemplo, para o leitor que entenda como pertinente aprofundar esta temática. A partir da década de 1970 são dignos de registo os estudos e conclusões levadas a cabo por autores como Philippe Ariès, Louis-Vincent Thomas, Jean Ziegler, Michel Vovelle e Jean Baudrillard.

No estado dos conhecimentos que possuímos actualmente, tudo leva a acreditar que, este importante momento para a história da Humanidade, que foi a invenção da sepultura, terá ocorrido há cerca de 100 000 anos atrás. Invenção ocorrida num período em que o Homem de Neandertal e o Homo Sapiens coabitavam no planeta. Estas duas linhagens humanas foram as responsáveis pelo desenvolvimento e implantação das mais antigas práticas de inumação que conhecemos. Para combater a angústia da morte, o homem primitivo teve de estruturar o seu pensamento, de maneira a que conceitos como o rito, o sagrado, os mitos, a linguagem e religião se integrassem, quais baluartes irredutíveis, no seu modus vivendi quotidiano. De forma assaz sintética pode-se afirmar que o desenvolvimento de um pensamento simbólico terá permitido que os nossos antepassados se comesçassem a questionar acerca da morte e do sentido a atribuir à vida. Através da inumação dos seus mortos dava-se a experiência de reencontro com o sagrado. Assim, para outorgar





resposta a uma crescente necessidade de auto-compreensão, dá-se o desenvolvimento, graças à linguagem e aos símbolos, dos primeiros sistemas de explicação e de concessão de sentido, que são os mitos. Se o mito se encontra implantado e subjacente a determinada cultura, então, a prática quotidiana de determinados rituais, através dos sistemas religiosos em que se encontram integrados, permitirão, que se coloquem em acção os mecanismos necessários para a implementação de toda uma "(i) lógica" mecânica estruturante que permita dar as necessárias respostas colectivas que a morte suscita.

Neste pressuposto de ideias e a título ilustrativo ocorre-me aqui citar a definição de rito, cunhada por Pascal Lardellier: "(...) un contexte social particulier, instauré au sein d'un dispositif de nature spectaculaire, caractérisé par son formalisme, et un ensemble de pratiques normatives, possédant une forte valeur symbolique pour ses acteurs et ses spectateurs. Spectacle, donc, mais plus que cela, le rite est une performance, efficace symboliquement d'un point de vue social et institutionnel." Obviamente seria desnecessário enfatizar a universalidade dos rituais funerários, uma vez que será consensual afirmar que não existe nenhuma sociedade que abandone os seus mortos sem nenhuma precaução de ordem ritual. É de extrema importância para o equilíbrio de uma sociedade o papel desempenhado por este tipo de ritos. Os ritos passam então, a operar como ferramentas de mediação através das quais transitam, através de determinado acto performativo, meta - mensagens que utilizam códigos extralinguísticos.

Perante o exposto anteriormente não será despropositado afirmar, em consonância com Edgar Morin, que a invenção da sepultura foi tão determinante para a o desenvolvimento da Humanidade, como a invenção de utensílios ou instru-

mentos. Ambos marcam uma passagem da Natureza para a Cultura. Segundo um outro autor, Jean-Claude Métraux: "Toute tradition mortuaire permet en effet de perpétuer ou restaurer l'identité narrative d'une communauté écorchée par la mort de ses membres." Para ele, a morte, desempenha um papel de fulcral importância na criação humana, em particular no que concerne à atribuição de sentidos.

Importará também referir, a título de informação adicional, que embora este campo de investigação conte com uma história bastante recente, o mesmo não se encontra isento de polémicas e de discordância académicas. Um outro autor, Jean-Claude Chamboredon, afirma o seguinte: "[...] les discours savants sur la mort contemporaine, tels ceux d'Ariès, Baudrillard et Ziegler, ne sont pas déliés d'une certaine déploration de la perte de sens de la mort et d'une « nostalgie du paradis social » perdu faites au nom « [d'un] traditionalisme passéiste, [d'un] conservatisme moral ou d'un anticapitalisme radical." Aos pioneiros da Tanatologia, é-lhes recriminado o facto de apresentarem, em perfeita oposição simétrica, os modelos de morte vigentes no passado, com os actuais, permitindo assim, que se ignorem algumas das práticas contemporâneas neste domínio. Não tomarei aqui qualquer partido, pois o âmbito e extensão deste texto a tal não me autoriza.

Em jeito de sistematização, apresentase-me como pertinente, elencar aqui alguns dos aspectos que terão contribuído para a gradual e progressiva perda de importância, dos rituais fúnebres nesta pós-modernidade em que nos encontramos:

- Desaparecimento de algumas das figuras ou acções, que em períodos anteriores exerciam uma parte importante no ritual, tais como os responsáveis pela toilette do morto, por norma familiares. Ou ainda, a realização de cortejos fúne-

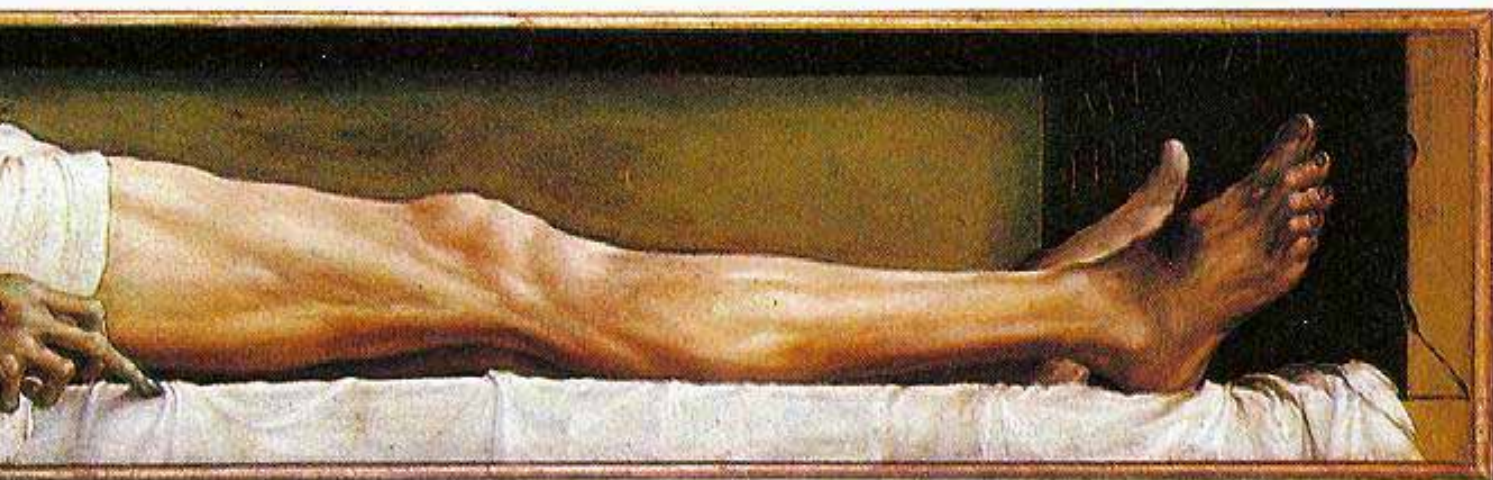
"não existe nenhuma sociedade que abandone os seus mortos sem nenhuma precaução de ordem ritual. "

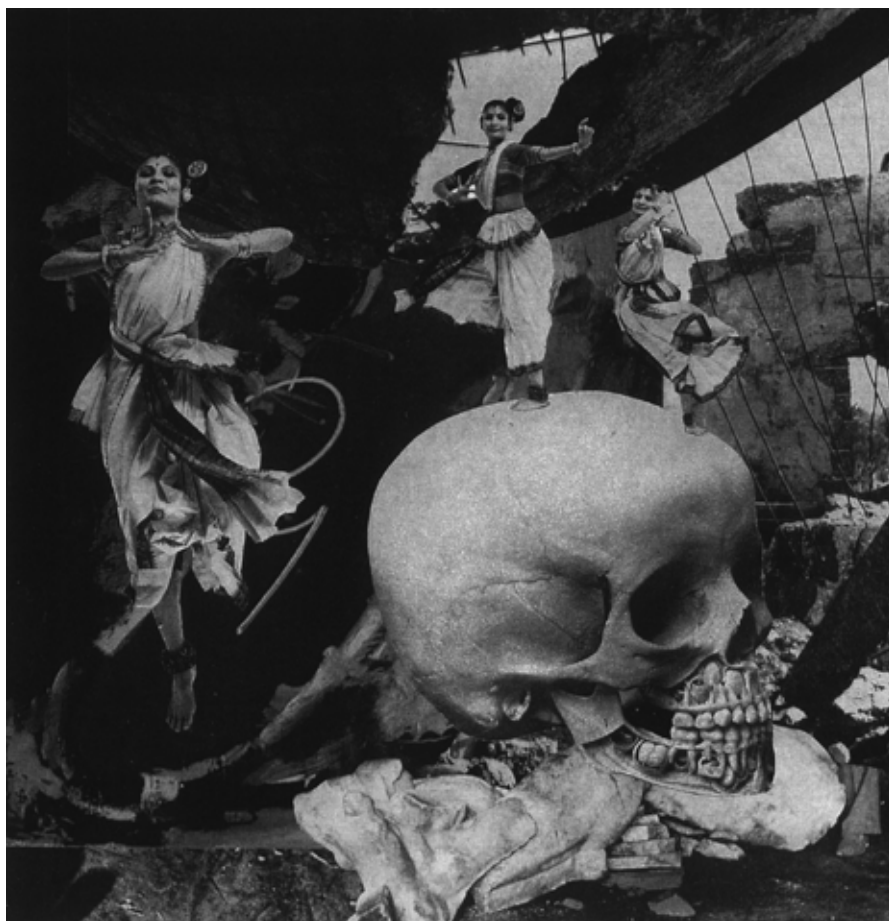
bres, bem como a evocação pública do extinto nos meses ou anos posteriores.

- A simplificação de todo este processo, que à luz do pressuposto anteriormente, tornam todo este processo mais rápido.

- A tecnicização das práticas tanatológicas. Importa não esquecer que, mais do que uma prática de higiene, a toilette do morto, era mais um gesto de purificação ritual do cadáver do que outra coisa em si. Assim, o cadáver, depois de intervencionado, por exemplo através da maquilhagem, deixa de apresentar um aspecto macabro. A partir deste momento, assiste-se à criação de um simulacro, levando a que pareça, que, a qualquer momento, o morto vá acordar de uma longa letargia, se levante e exerça as actividades inerentes a um corpo vivo. A tecnicização provocada pelas práticas crematórias exerce também um importante contributo no surgimento destas novas dinâmicas.

- A profissionalização que se estabelece com o aparecimento do agente funerário e da sua equipa. Quem estiver familiarizado com os domínios da formação profissional no nosso país, já terá com certeza reparado na existência de uma UFCD (Unidade de Formação de Curta Duração) muito apropriadamen-





te designada como “Técnicas de Marketing para Agentes Funerários.

- Deslocamento de alguns lugares. O hospital e a morgue passam a substituir a casa do morto. Por outro lado, através da dispersão das cinzas, que a cremação, por norma acarreta, leva a que se perca um topos de referência e memória dos vestígios da nossa passagem terrena.

- Dissimulação, que pode passar, pelo já referido “embelezamento” do cadáver, mas também pela camuflagem a que alguns cemitérios são submetidos, perdendo a sua carga ancestral e passando a ser uma espécie de não-lugares híbridos, situados entre o lúdico e o recreativo.

- A redução, em que os traços ou vestígios tradicionais da morte são limitados ao mínimo. A começar pelas cinzas, resultantes do processo crematório e terminando na tendência minimalista dos epitáfios.

Aos aspectos elencados anteriormente podem ainda ser equacionados outros de não menor importância. A des-simbolização que torna as remanescências rituais em meros simulacros despidos da sua verdadeira essência, ou ainda a perda progressiva dos laços que caracterizam o processo de socialização.

IV

“Do not gentle into that good night / Old age burn and rave at close of the day / Rage, rage against the dying of the light.”

Dylan Thomas

Parece que o homem pós-moderno olvidou um dos principais motivos que estiveram na base de todo o processo de humanização e civilizacional. Atente-se no seguinte parágrafo da autoria de Fustel de Coulanges, na sua “A Cidade Antiga”, para se compreender na sua plenitude a afirmação anterior: “(...) Esta religião dos mortos parece ter sido a mais antiga que existiu entre estas gentes. Antes de conceber ou adorar Indra ou Zeus, o homem adorou os seus mortos; teve-lhes medo e dirigiu-lhes preces. Parece ter o sentimento religioso do homem começado com este culto. Foi talvez por via da morte que o homem pela primeira vez teve ideia do sobrenatural e quis tomar para si mais do que lhe era legítimo esperar da sua qualidade de homem. A morte teria sido o seu primeiro mistério, colocando o homem no caminho de outros mistérios. Elevou o seu pensamento do visível ao sensível, do transitório ao eterno, do humano ao divino.” Nestes povos, e citando novamente Landsberg “(...) O temor

do morto é infinitamente maior do que o temor da morte. Os mortos que ainda não reencarnaram são temidos como seres próximos, ocultos, ameaçadores. São vistos como possíveis almas do outro mundo que é necessário satisfazer e encantar com rituais, sobretudo para impedi-las de fazer mal.”

Para Nikolai Fedorov, pensador russo do século XIX, a Natureza era o inimigo porque condenava à extinção a personalidade humana. Para este pensador, o único projecto humano que valia a pena, era o empenho desmesurado numa titânica luta pela obtenção da imortalidade. Para ele, não era suficiente que as gerações futuras acabassem com a morte. Só quando todos os seres humanos que um dia estiveram vivos fossem resgatados dos mortos, é que a espécie humana se tornaria verdadeiramente imortal. Para Fedorov, a missão da humanidade era a ressurreição tecnológica dos mortos.

O pensamento do autor russo, ainda que possa parecer estranho, foi uma das correntes intelectuais que configuravam o regime soviético. Para os bolcheviques, o destino do homem era dominar a Natureza. Esta concepção que Fedorov fazia da humanidade como uma espécie eleita, destinada a conquistar a Terra e a derrotar a mortalidade, nada mais é do que a formulação moderna de uma antiga fé. Ou seja, o platonismo e o cristianismo sempre sustentaram que os seres humanos não pertencem ao mundo natural. Os iluministas, por seu turno, quando imaginaram que a humanidade poderia superar os limites que constriam todas as outras espécies animais, limitaram-se a perpetuar esse velho erro. Saint Simon e Auguste Comte anteviam e almejavam um futuro em que a tecnologia seria usada para garantir o domínio da Terra. Creio poder afirmar que esta fusão de gnosticismo tecnológico com o iluminismo humanista terá estado na base de inspiração de Karl Marx e dos seus seguidores.

Biologicamente, afirma Georges Bataille, “O pensamento de um mundo em que a organização artificial asseguraria o prolongamento da vida humana evoca a possibilidade de um pesadelo.” Os resultados de tal pesadelo eco-distópico encontram-se bem visíveis na nossa Memória Colectiva. A União Soviética, inspirada por uma filosofia materialista causou no meio-ambiente devastações mais duradouras e maior alcance, do que qualquer outra civilização ou regime. O legado de Chernobyl é por demais evidente para que haja necessidade de explanar com maior grau de detalhe o exposto anteriormente.



V

"The punishment imposed by Mezentius on the soldiers of Aeneas should be inflected, by coupling him to one of his own corpses and parading him through the streets until his carcass and its companion were amalgamated by putrefaction."

Erinensis; "On the Exploitation of Dead Bodies", *The Lancet*, 1828-9: 777

Em Junho de 2009, numa deslocação efectuada à Cornualha, Reino Unido, tomei contacto com uma curiosa publicação. Mais concretamente, no decurso desta estadia, foi-me apresentada a revista *Collapse*, publicação sediada em Falmouth e editada por R. Mackay. No seu número quatro, esta publicação de referência, contém como parte integrante, um texto assinado por Reza Negerestani, intitulado "The Corpse Bride: Thinking with Nigredo".

Quando li pela primeira vez este texto, e em consonância com Georges Bataille, ocorreu-me, que na verdade, o cadáver repugna. Ainda que, de forma mais ou menos implícita se encontre imbuído de uma certa sacralidade, o cadáver também é maldito. Para o filósofo francês, temos no seu "L'Érotisme": "Un cadavre n'est pas rien, mais cet objet, ce cadavre est marqué dès l'abord du signe rien. Pour nous qui survivons, ce cadavre, dont la prudence prochaine nous menace, ne répond lui-même à aucune attente semblable à celle que nous avons du vivant de cet homme étendu, mais à une crainte: ainsi cet objet est-il moins que rien, pire que rien..." Georges Bataille, afirma ainda que, "rien ne nous donne plus objectivement la nausée." Para este autor, o cadáver é a representação do limite, e a órbita imposta pela ritualização a que é submetido, nada mais é do que a possibilitação de uma re-presentação do insuportável. O lugar da ritualização da morte na vida, bem como a representação iniciática da morte - ou seja, o delinear de uma temporalidade não linear, mas sim, integrada num processo de transmissão inter-geracional - serve para o estabelecer de uma distanciação necessária. Este distanciamiento, patente na náusea repugnante que a visão do cadáver acarreta, de que nos fala Georges Bataille, é também, uma tentativa de recusa da aceitação de uma morte inerte, despojada de qualquer acção sobre o mundo dos vivos. Aquilo que se vislumbra na contemplação do cadáver não se resume apenas a uma tristeza provocada pelo término de uma existência. Mas acima de tudo ressalta

aquela inquietude que se encontra bem patente nos relatos acerca dos "mortos vivos".

" Eu não adoro necessariamente corpos a apodrecer, mas há uma textura num corpo a apodrecer que é inacreditável. Já alguma vez viu um pequeno animal apodrecido? Adoro olhar para essas coisas, tanto quanto gosto de olhar para um grande plano de uma casca de árvore, ou de um pequeno insecto, ou de uma chávena de café, ou de uma fatia de tarte. Chega-se perto e as texturas são maravilhosas."

David Lynch em "Catching the Big Fish" a propósito da noção de "Textura"

Quem está familiarizado com a escrita de Bataille, já se terá com certeza deparado com uma visão da morte como princípio excessivo, bem como de anti-economia. O autor utiliza de forma abundante a metáfora com o luxo, ou seja, enfatiza o carácter luxuoso da morte. Para Bataille, só o gasto sumptuário e inútil apresenta sentido. A economia per si apresenta-se sem sentido, e é simples resíduo, de que se fez a lei da vida, ao passo que a riqueza se encontra na troca luxuosa da morte: o sacrifício, a " parte maldita", a que se esquia ao investimento e às equivalências e que só pode ser aniquilada. Nesta sequência, para o autor em questão, se a vida nada mais é do que uma necessidade de durar a qualquer preço, então o aniquilamento é um luxo sem preço. Num sistema em que a vida é regida pelo valor e pela utilidade, a morte torna-se um luxo inútil e surge como a única alternativa.

Para mim, numa perspectiva alicerçada numa entronização de Herodes - enquanto pessimista e enquanto indivíduo dado à exuberância, sendo que na minha óptica, esta também é uma noção que se insere no léxico batailliano de despesa -, entendo que, a essência base da humanidade se pode resumir num perpétuo adiamento do Pai no Filho, compelindo à sua realização pela paternidade, adiando-se na progénie e assim sucessivamente, num processo darwinista que se pretende ad aeternum na sensaborona figura do CADÁVER ADIADO QUE PROCRIA.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe - *Essais sur l'histoire de la mort en Occident: Du Moyen-Age à nos jours*. Paris: Seuil, 1977.

BATAILLE, Georges - *L'Érotisme*. Paris: UGE, 1965.

BAUDRILLARD, Jean - *A Troca Simbólica e Morte II*. Lisboa: Edições 70, 1997.

COULANGES, Fustel de - *A Cidade Antiga*. Lisboa: Clássica Editora, 1988.

GRAY, John - *Sobre Humanos e Outros Animais*. Lisboa: Lua de Papel, 2007.

HUIZINGA, Johan - *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, 1996.

LANDSBERG, Paul- Louis - *Ensaio sobre a Experiência da Morte*. Lisboa: Hiena, 1994.

LARDELLIER, Pascal - *Théorie du lien rituel. Anthropologie et communication*. Paris: L'Harmattan, 2003.

MENDELL, Leilah - *The Necromantic Ritual Book*. New Orleans: Westgate Press, 1995.

MÉTRAUX, Claude Métraux - *Deuils collectifs et création sociale*. Paris: La Dispute, 2004.

MÓNICA, Maria Filomena - *A Morte*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011.

MORIN, Edgar - *L'Homme et la mort*. Paris: Ed du Seuil, 1976.

Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer, coord. de Glennys Howarth e Oliver Leaman Lisboa: Quimera, 2004.

COLLAPSE IV, ed. R. Mackay (Falmouth: Urbanomic, May 2008) ISBN 978-0-95530887-3-4

Penafiel, Outubro anno 2012 era vulgaris •

A photograph of a chess set on a blue and black checkered board. The pieces are made of clear glass or plastic. A white noose is hanging from the top of the frame, positioned over the center of the board. The background is dark.

A Nossa Morte Dentro Daquilo Que Represento...

Lupum



A morte... Princípio do fim? Início de outra vida? S.f. Cessação da vida... A minha visão? Acredito que todos somos energia. Segundo Antoine Lavoisier "Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma".

Sentimento de circunstância? Não. Sentimento em constante evolução e revolução. Vejamos, conheço alguém que tenha estado naquilo que habitualmente ouvimos como sendo o "outro lado"? Primeira questão: Mas que raio é o outro lado? Ora se o antónimo de vida é morte... Respondido? Será assim tão simples? Se há algo que tenho aprendido é que, normalmente, as coisas não são simples. Depende... Acredito na experiência quase morte. Será que chega? Visões... Tantos relatos... Estarão todos a alucinar? Meio de defesa do nosso cérebro? Muitas explicações são dadas e as certezas? As minhas são: estou aqui, neste mundo, consciente que tenho um prazo de validade. Não sei quando expira. Mas depois é só pegarem na velha carcaça e colocarem-na num caixote de madeira e fogo com ele...

Daqui do alto, deste alto de onde

vejo e ouço, onde me encontro e me olho... Aqui, deste alto vejo a vida passar... Morte em estado preservado pela vida! Invólucros prontos a conhecerem o seu tempo de reacção e de resposta... Morre... Morre? Morre onde? Enquanto perdurar aquela lembrança, aquele sentimento de não esquecimento a morte fica em estado de criogenia. Alheio a tudo e aos estados... Matéria morta... Dou um pontapé nas folhas de Outono e despacho as suas cores para outro lado. Oh que sorriso... Um estalar seco e sobrevivente dos sonhos postos em prática... Falas de mim? O céu tem outra cor por estes dias... Até o tempo parece morrer, numa sublime consciência viciosa. Círculos... A morte e a vida andam sempre de mãos dadas... Vejo constantemente morte e vida.

A sociedade liberta morte e vida, nem sempre se lembram da persegui-

ção dos conceitos... Estão enraizados, interiorizados... Dói-me a vista... Penso que tenho de correr e fechar os olhos que habitualmente transmitem a informação, nem sempre correcta, a outra esquina do meu corpo... Estilhaços dos vidros que corroem o meu dia-a-dia, vidros... Espelhos sem a constante informação de mim. Envolve-me este contentamento... Livre novamente, soltou-se toda a corrente descontente do sofrimento.

Suores vivos a corroerem a madeira seca... Acabou-se? Recomeça o fim! Sinto saudades de mim, de ti. De ti principalmente, tantas como as que tu tens de mim... A vida vale em mim todo o meu interior, todo o meu grito mudo que olha em volta e não vê aquele olhar... Tenho saudades de cheirar... De evocar a memória... Morri e vejo morrer... Acabou em mim uma parte de mim. Quando acabar o que sou, o que será de ti?

O que fica no sonho... Animal de sentimentos, coberto por uma camada de lágrimas em cinza... Pedra dura que racha com as labaredas altas... Chamo a mim a morte. Desespero alto e baixo... Quantitativos que não podem existir. A morte... Como é? Como será o fim? Como é após o fim? Agarro no telefone e falo com ele... Escuto um piii piii piii... "Está? Está lá???"





Estouuuu? Preciso de questionar se estou? Está aí alguém desse lado???” Acabou-se o piii... Silêncio... Morte da linha... Visto-me de negro para ir ao meu enterro... Ao enterro da comunicação!

Putrefacção dissipada em tons negros... Fico pendurado ao lado do Ganges... Corpos vazios e inchados a passearem-se sem batimento cardíaco sob olhares de quem se banha... A morte aqui tão perto... A morte sem significado... Preencho um pouco de vida... Espreito agora... Neste preciso momento em que escrevo, espreito... As nuvens cobrem o meu mundo... Aquele mundo como eu o interpreto... Oscilo na cadeira... Olho e levanto-me... Vou beber um café para sentir o copo a transmitir um pouco mais de vida para mim.... Consigo consumir cheiros, sabores, vidas... Passo nos dedos a recordação mental de uma qualquer foto onde aquele velho olha para a sua vida. Pensa nos seu propósitos... Pensa na morte... Ou na falta dela em si... Tento eu adivinhar... Não tenho essa capacidade. Morte... Vida... Amor... Ódio... Conceitos que podem ser muito mais do que aquilo que realmente são... Produtos em constante mutação e revisão... Hoje não sei quem sou... Ontem não sabia que hoje não saberia quem poderia vir a ser... Descanso... Costas com a frente do sofá... Não morro hoje. Não morri ontem... Ou será que vou morrendo por cada segundo que passa... Não sou alheio à vida... Sou alheio à morte. Não penso

nisso... Não merece a pena pensar em algo tão importante? Talvez a importância seja relativa, talvez se fique pela importância que lhe damos... Sonho com a morte... Sonho com a morte em vida... Estado REM do sono... Todos os dias, todas as noites morro e vivo... A vida e a morte jogam de mãos dadas mais uma vez... Dançam... Dançam e não se cansam. Tomam o seu lugar no ser... Ou mesmo naquilo que não se sabe ser... Todos os dias o sol irá continuar a aparecer... Esteja eu cá ou não... Poderei ser recordado ou não... Somos pequenos demais para saber o que existe depois. O nada absoluto... Esse, para já, é o resultado a saborear.

Enquanto isso, fico por aqui, a par-

tilhar um pouco mais de vida e de morte... Estado latente de todos... Caixa a aguardar pelo “clic” de abertura. Ruínas a perderem areia... Caminham paradas no espaço para a morte... Sorriso... Melancolia... Este sou eu, sentado na ponta do relógio... Tic Tac interno à espera de ser acertado... Actualizo o tempo... Já não chove hoje. Não chove cá fora, à vista de todos... À minha vista... Corre agora um raio de sol. Já alguma vez sentiste as nuvens? Bagaço macio pelo corpo fora... Os olhos brilham, contam a vida ganha. Concurso com a morte hoje... Ontem... Amanhã... Sempre! Luto para viver! Vivo para lutar! Não vivo de luto, mas visto-me de preto constantemente...

Oscar Wilde disse: “(...) Morte é o fim da vida, e toda a gente teme isso, só a Morte é temida pela Vida, e as duas refletem-se em cada uma (...)”

***“Vou beber um café
para sentir o copo a
transmitir um pouco
mais de vida para
mim.... Consigo con-
sumir cheiros, sab-
ores, vidas...”***

Escrito por Paulo Sequeira, nesta vida, conhecido assim... Culpa de meus pais... Culpa boa... Recordado por este nome, recordado por Lupum... Recordado por uma outra alcunha qualquer... Não me recordem só o nome... Recordem os meus feitos, as minhas acções, ou falta delas... A vida vive-se um passo de cada vez... •

Espectro do Amanhã

Naive

Assombra-me o espectro do amanhã
Negra clarividência deste meu sentir
Saboreio o veneno edênico da maçã
E abraço a escuridão que há-de vir

Tudo o que eu sou desfeito em nada
A dor a amanhecer já em meu peito
Como a noite diluída na madrugada
Padecimento a que não me enjeito

Temo o passado, o presente e o futuro
Sentidos dispersos na intemporalidade
O corpo vergado no chão frio e duro
A alma esvaziando-se de vitalidade

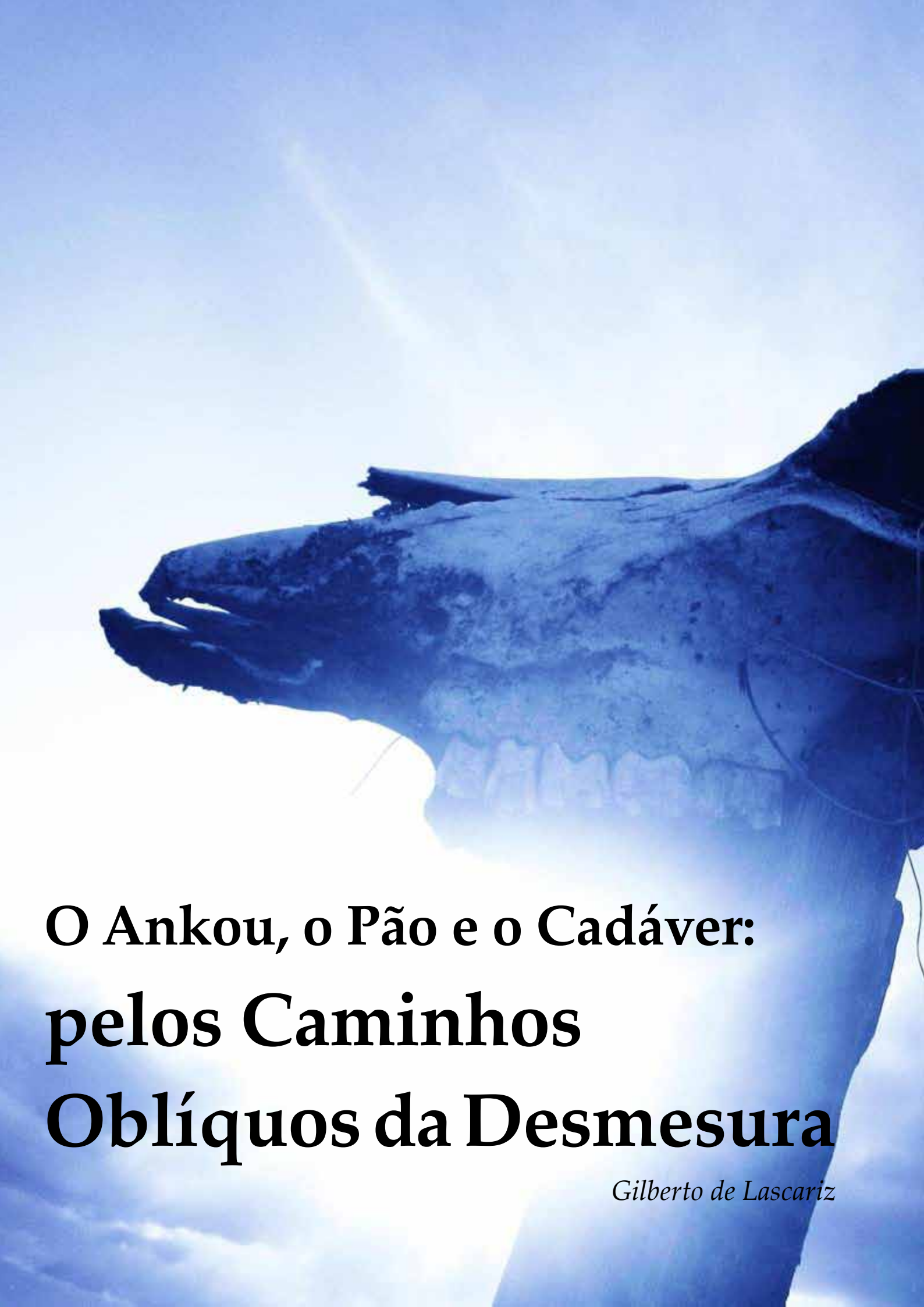
Vagueio por longos e vãos caminhos
Adenso-me entre veredas espinhosas
Crucifico-me nos meus pergaminhos
Com palavras esbeltas e artificiosas

Sou artesão e ensaísta de uma dor
Parida do ventre da criatividade
Confesso-me sem qualquer pudor
Só para sentir a minha liberdade

Nada mais me é dado a contemplar
Pela minha alma nua e sedimentada
E no silêncio das cantigas de embalar
Deixo-me dormir finda a madrugada

Mas o dia vindouro não me perdoa
Expulsa-me à força do meu caixão
Logo dentro de mim uma voz ecoa
Fazendo-me estremecer de emoção

E a Morte que paira à minha frente
Sedutora a minha parceira de dança
Que a dita se transforme finalmente
No seu desígnio de eterna bonança...



**O Ankou, o Pão e o Cadáver:
pelos Caminhos
Oblíquos da Desmesura**

Gilberto de Lascariz



“Eu mato-vos a todos.”

Dístico no Ankou de La Roche-Maurice

No universo nada se incrementa e desenvolve de forma linear. A natureza tem aversão à linha recta. Tudo a leva a se inclinar para o sinuoso. A vida no seu sentido mais sensorial exprime-se por isso de forma recurvada e ondeante, reencontrando-se permanentemente com a sua sombra, o seu oposto: a Morte. Embora a Morte seja permanentemente recalçada na memória e abafada no esquecimento, inevitavelmente há momentos em que tropeçamos nela. Nem que seja num passeio de domingo pelo cemitério ou numa passagem imprevista pela morgue do hospital. Então um dia surge o momento corajoso de a interrogar, mesmo sabendo que ela nos devolve sempre o seu perpétuo silêncio. Mas a eficácia está em fazer a própria pergunta e não em receber a resposta. Somos como Perceval no salão do castelo do Rei Pescador. Diante da visão da procissão sangrenta e luminosa, em que as donzelas trazem a lança a sangrar e o prato resplandecente, eco do fluxo processional do próprio existir que é sangue e luz, sofrimento e felicidade, ficamos sempre silenciosos. Ficamos calados diante da Morte e da Vida não as interrogando. Como resultado desse auto-imposto silêncio ficamos mortos e fossilizados em padrões de hábito de existir que consideramos o nosso direito de viver.

As figuras da Morte chamadas Ankou que pela zona de Finisterra, na Bretanha, se encontram esculpidas em muitas igrejas e ossuários ou erguidas como estátuas ao lado de representações de santos e mártírios é provavelmente o único interlocutor que temos ainda hoje para representar o papel da Esfinge ou do Graal que um dia interrogou Édipo e Perceval. Ambos são assassinos involuntários: um do seu pai e outro de sua mãe. A Morte está sempre a rondar à volta dos heróis. Sempre a construir-lhe ardis. Percorri, por isso, o Caminho da Morte que de forma labiríntica se abre e fecha em sucessivos círculos de expansão e contracção por terras de Finisterra só para me colocar de frente destes esqueletos e os interrogar. Desde Le Roche-Maurice passando por Ploudiry até Ploumilliau, no norte de Côtes D’Armor, a Morte parece ter escolhido aquela zona isolada e granítica como anfiteatro de sua majestade. Sob a palavra Ankou,

do bretão *Ankoun*, Esquecimento, ou *Anken*, Tristeza, revela-se a plangência e melancolia dos vivos ao lembrar-se dos mortos assim como a dolência beatífica dos mortos a que almejam alguns vivos¹.

Nestes lugares cerimoniais da Morte não é preciso muita imaginação para nos transplantarmos para séculos distantes no passado. Não deixa de ser fascinante pensar como em lugares perdidos como estes, nesta fria e brumosa Bretanha, se elevaram igrejas, ossuários e catedrais, que são verdadeiras jóias artísticas que perduram até hoje interrogando o nosso imaginário! Mas o que é atrevidamente inquietante é que nada perdure das vidas daqueles que as construíram e as frequentavam. É como se a própria vida, esta vida utilitária e banal de todos os dias, fosse os campos elísios da própria Morte onde tudo está condenado ao anonimato e esquecimento. A sua imagem desfocada só permanece nas representações da Dança Macabra ao lado da Morte a tocar tambor e no corupio serpenteante da dança com bispos, suseranos, feirantes, prostitutas, cruzados e intrujões. No mundo moderno só Ingmar Bergman conseguiu ilustrar a beleza macabra da Morte no seu filme *O Sétimo Selo*. Ele percebeu que existem momentos em que é possível ter a percepção da ubiquidade da vida e da morte e que é nesses *instantes fulgurantes* que saímos de súbito da nossa ilusão de segura unidimensionalidade temporal. Então, podemos atravessar as fronteiras do tempo e sentir o que seria esse mundo dos séculos XV a XVII², em que por toda a Europa exorcizava o Diabo queimando as bruxas e se erguiam simultaneamente hinos em pergaminho e pedra à Morte.

Tem-se com razão defendido algumas vezes que as ceias e danças visionárias das bruxas, que formavam o *template* ritual do Sabat, foram enxertadas na Dança Macabra. Alguns acreditam mesmo que esta Morte, que vemos nua até ao esqueleto, não teria sido nada mais do que Caim condenado a ser errante, o primeiro filho de Eva a Vivente e o primeiro assassino da humanidade. A relação mais directa da

Morte com Caim é não só a sua errância solitária pelo mundo mas também a *lança* que traz sempre consigo, como se pela metonímia da sua representação invocasse o seu nome: Qayin (Lança)³. A maestria de Caim como agricultor e assassino sacrificial, o primeiro Ankou da Humanidade, deve ter iniciado a simbiose, que desde então se desenvolveu, entre a fertilidade do campo e o mundo dos mortos. Ambas têm a sua origem nas entranhas da terra e no domínio do Senhor dos Mortos.

Tudo o que hoje sabemos do Ankou deve-se a Anatole Le Braz e ao seu *La Légende de la Mort chez les Bretons Armoricaïns*. As lendas que ele recolheu desde a Finisterra, na ponta ocidental da Bretanha, até ao seu interior perdido no seio das florestas frias e intimidantes de Côte D’Armor, foram importantes para compreender esta figura de psicopompo venerado e temido por terras célticas. Há quem mesmo defenda que este Ankou, que vemos ora de lança e de fouchinha na mão, outras vezes de pá ou com pica como o Bawon La Croix do Voodoo Haitiano⁴, não seja nada mais do que uma reminiscência do Dis Pater, o Pai dos Mortos, que Júlio César considerava ser a divindade ancestral dos gauleses. Nesta perspectiva a origem mítica dos povos celtas adviria do Senhor dos Mortos. Isso significaria que de uma maneira ou outra todos eram *mortos* mesmo se julgando vivos. Assim sendo ele teria representado o papel de Saturno ou Cronus entre os romanos e gregos, criando e devorando os seus próprios filhos. Não deixa de ser inspirador que esta faceta canibal de Saturno esteja expressa numa escultura do Ankou em La Roche-Maurice onde ele exclama: “*eu mato-vos a todos*”.

Embora a figura do Ankou se tenha centralizado sobretudo numa zona específica da Bretanha, a Finisterra, a imagem descrita nas lendas bretãs de um vulto coberto de negro, com o chapéu ou o manto cobrindo-lhe parcialmente o rosto, não deixa de nos lembrar outras figuras como Odin e Mephistophilus. Um e outro são os Portadores da Morte, verdadeiros *tanathoforos*. O primeiro enquanto

1 A palavra Ankou já aparece durante o séc. IX no galês (*angheu*) e no cónico (*ankow*).

2 As representações escultóricas mais antigas do Ankou que existem na Finisterra são do século XV mas a sua memória recua até à grande peste de 1348 e à Guerra dos Cem Anos que dizimou uma grande parte da população francesa de então.

3 Algumas das suas representações trazem também o martelo do ferreiro o que reporta a uma sua outra hipótese, a figura de Tubal-Caim.

4 Ainda se está por saber até que ponto a ocupação colonial francesa terá influenciado a iconografia dos fúnebres Bawons do Voodoo Haitiano face à nítida semelhança formal com os Ankous da Finisterra.



protector dos enforcados e dos heróis mortos em batalha e o segundo como precioso dador desse dom da Morte que é o Conhecimento Gnóstico. Mephistophilus não deixa de repetir o modelo da Serpente no Paraíso, que mais do que um alto estado espiritual deverá ser considerado um estado inferior, vegetativo e primevo de consciência, que ao infundir o Conhecimento Gnóstico em Eva simultaneamente a marca com o destino da Morte. O pacto com Mephisto é com a Morte que tudo sabe e tudo conhece. Por isso ele tem um prazo e uma cláusula de cedência da alma. Não deixa de ser paradoxal que o bem mais precioso, que é a Sabedoria, só possa ser recebido das mãos da Morte e recebê-lo seja sempre uma forma morrer, de perder a alma. Morrer pelo menos para a dimensão larvar e vegetativa do ego humano.

A figura do Ankou aparece sobretudo sobre os sumptuosos ossuários armóricos, nas fachadas ocidentais das igrejas e, algumas vezes, sobre pias baptismas. Porquê esta impressionante e elaborada preocupação iconográfica sobre os ossuários da Finisterra? O Ankou parece ser uma tênue lembrança, emergida pelas epidemias e as guerras, dos Deuses liminais do Nascimento e da Morte. Eles erguem-se como influências positivas nos ritos de nascimento antes do baptismo e como influências trágicas no rito fúnebre depois da unção dos mortos. O seu tem-

plo por excelência é, no entanto, o ossuário. No seu reino, a casa mortuária, ricos e pobres, génios e medíocres, têm o mesmo destino: serem despidos da carne até à sua essência, o esqueleto. Quando a humanidade se reverte na nudez do esqueleto, fortuna e talento, homem e mulher, que separam e hierarquizam a condição humana, transformam-se todos em iguais. O símbolo dessa igualdade, onde se celebra a beatitude samádica do caos, é o manto negro com que a morte se envolve.

Não deixa de ser um acaso significativo que os anarquistas, defensores radicais da liberdade e da igualdade, tenham sempre usado a bandeira negra desde que Louise Michel a carregou nos braços em 9 de Março de 1883, durante as violentas manifestações de desempregados em Paris, e que Nestor Makhno tenha sobre a sua divisa derrotado doze exércitos durante a Revolução Russa e dado a liberdade a uma grande área da Ucrânia. Através desse sudário negro o Negro fala da igualdade consubstancial de toda a humanidade quando passa pelo seu leito de morte. É no esqueleto, símbolo dessa igualdade que se esconde por debaixo da nossa carne, dos nossos desejos sensuais, que está sempre o Ankou. Mesmo no momento mais intenso da vida sensorial, que é o sexo e o orgasmo, ele espreguiça-nos sob a forma da *Petite Mort*.

Contam as lendas armóricas que o dom das bruxas e feiticeiros *verem*

através do véu opacos dos sentidos e de, assim, contemplarem o mundo dos Espíritos e dos Deuses que forjam como fiandeiras a realidade multifacetada da Natureza, era uma dádiva concedida pela Morte, pois a criança só o poderia receber atravessando o cemitério antes de entrar na igreja para ser baptizada. Este “cortar caminho” pelo cemitério para entrar na igreja não deixa de ser uma traição à consciência cristã: ade primeiro ter atravessado o Mundo dos Ancestrais antes de ter atravessado o Reino da Igreja e ter recebido o exorcismo do baptismo. Ver com clarividência e existir entre os dois mundos é um apanágio dos seres límbicos e ambivalentes do qual a imagem de excelência é o Diabo. De certa maneira o dom da *vidência* seria um dom do Diabo.

Pergunto-me muitas vezes diante do Ankou, representado no centro da sala de minha casa por um crânio humano deposto sobre uma salva de prata do século XVI, a época de proliferação escultórica do Ankou, que papel tem a morte para além da celebração piedosa da aniquilação e extinção da vida humana. Se nas situações extremas tudo tem tendência a se tornar o seu pólo oposto, uma espécie de enantiodromia dos valores, o Ankou só se pode rever na sua contraparte que é o Sátiro. O Ankou reverte, na situação extrema, para a exuberância sensorial do Sátiro nas Danças Macabras da





mesma maneira que o Sátiro reverte na condição do Ankou nas Danças do Sabat. Conduzindo a sua sexualidade até ao extremo da violência o Sátiro transforma-se na Morte. A ideia que temos da Morte nasceu do erro cristão de a homenagear com contrição, piedade e arrependimento, quando ela deve ser celebrada no desmedido e no *potlach*, no júbilo e na hilaridade. Isso deve-se ao facto de tanto o Sátiro como a Morte estarem excluídos da ordem social das coisas, do mundo do comedido e do circunspecto. Ao contrário do mundo ordenado em que vivemos e do qual expulsamos a morte e a obscenidade o Limbo propicia o riso e o obsceno. O folião, mais do que o padre, é o verdadeiro e genuíno sacerdote da Morte.

Quando todos os dias comemos não nos lembramos que precisamos, nós ou alguém por nós, de ter matado. Fazemos uma cesura cerebral amputando-nos da capacidade de ver e lembrar que vivemos sobre um montão de sangue e ossos. Vivemos em perpétua cumplicidade com a morte para viver. A vida e a morte foram, contudo, expulsas para os limbos do excesso e da desmesura, onde tudo se vira do avesso e todos os valores se revertem no seu oposto. Num bordel a prostituta pálida e entediada que se estende nua na *chaise longue* à espera de seu próximo cliente facilmente poderia ser confundida com um imponente ícone da Morte, tal como Georges Bataille a viu. A adolescente que se ajoelha sobre as lajes de mármore do cemitério, sacudindo com as mãos as flores que deposita com trivial melancolia sobre o túmulo, esculpindo com sua postura a sensual graciosidade da curva animal de suas nádegas, facilmente poderia

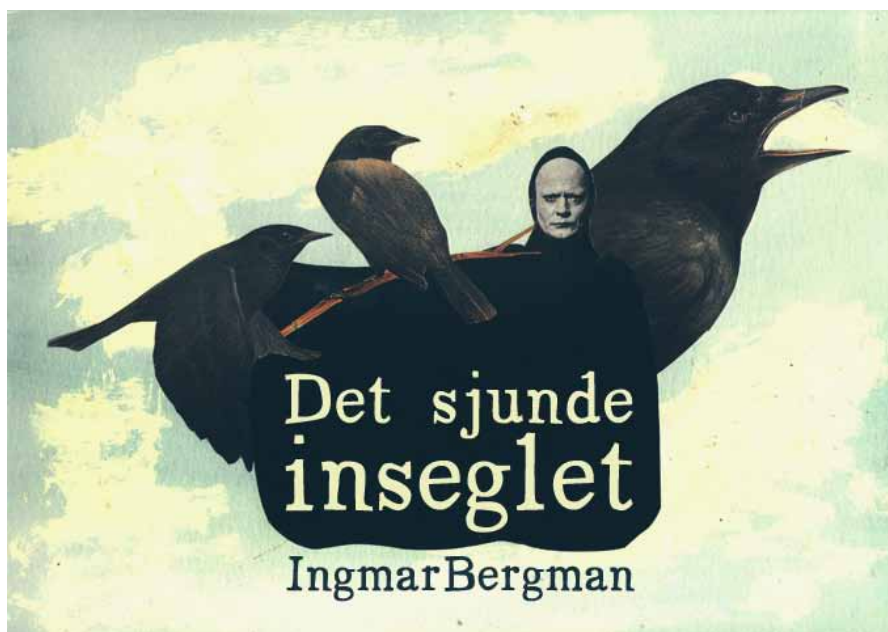
“Quando todos os dias comemos não nos lembramos que precisamos, nós ou alguém por nós, de ter matado.”

ser comparada a um verdadeiro ícone das bacantes no reino dos mortos, como tantas vezes as vi. Essa desmesura toma-nos sem licença e apropria-se de súbito de nós. Há na desmesura o sopro de uma verdadeira Gnose Daimónica. Quando isso acontece então um pouco do louco e do poeta desce sobre nós em estado de Graça. Mais facilmente o Divino Paracleto nos traz a Graça diante da visão de uma bacante dobrada sensualmente sobre a laje de um túmulo do que na contemplação da Virgem num nicho perfumado de igreja. Tal como o Ankou... Quando de súbito nos fecha estrepitosamente o palco do teatro onde nos habituamos a existir, consolados no doce enlevo do subsistir medíocre e vegetativo, e vem a casa buscar-nos com a sua carreta funerária (*karrigel*).

Há um cheiro a mortos na igreja e no bordel. Mas presentemente só no bordel ainda se mantém o segredo que nos descarna até ao esqueleto. Até ao segredo do Eterno. Não deixa para

mim de ser sempre uma perplexidade como o corpo se desveste da decência pelo relâmpago da luxúria na cama do bordel e acaba transfixado no característico silêncio da Morte. É verdade, por isso, que no lupanar se amontoam mortos transformados em Ankou. Na crença armórica o último morto de cada ano sepultado no cemitério da paróquia é o Ankou do ano seguinte. A mesma tradição subsistiu entre as crenças Voodoo em que o último sepultado do ano é o Gede da aldeia no ano seguinte. Nas lendas bretãs o último morto do ano reveza-se ao do ano anterior servindo como Ankou para conduzir as almas ao seu destino no Além. Ele faz esse serviço cheio de grande elegância: numa carreta suntuosa mas barulhenta puxada por dois cavalos e guiado por dois esqueletos assistentes. Isso significa que o Ankou na sua faceta escultórica, tal como vemos esculpidos por várias igrejas remotas de Finisterra e Côtes d’Armor representa tendencialmente o Guardião dos Mortos, enquanto o Ankou que se relata nas lendas, transmitidas de pais para filhos, representa o Psicopompo. Assim, o Ankou não é o Thanatos dos gregos que aparece acompanhado de seu irmão gêmeo Hipnos, deus do sono. É o seu terrível servidor: o humano transfigurado pela morte em executor da Morte. O Ankou é o Mensageiro da Morte da mesma forma que Cristo é o mensageiro de Deus.

Se a Morte não fosse tão assexuada, pois o esqueleto não tem nem sexo nem género, morrer poderia ser o início de todos os deleites. Em algumas línguas como a portuguesa e a italiana a Morte é feminina. Embora o esqueleto e o traje nunca indiciem a sua sexualidade a linguagem corrente dos povos latinos caracteriza-a indubitavelmente como sendo mulher, *La Santa Muerte*. No inconsciente da população bretã o Ankou poderá ser uma segunda mãe, a Mãe Negra do Destino, Senhora dos Ossos e Protectora das Almas. Anatole Le Braz reporta que na sua infância passada em Ploumilliau sempre constatou com perplexidade como tantas pessoas se dirigiam ao altar do Ankou dentro da igreja para rezar com devoção. Rezar à Morte pode parecer para nós hoje um acto mórbido mas sem dúvida ainda o fazemos inconscientemente quando vamos ao cemitério orar pelos nossos antepassados. A veneração corrente aos mortos nos cemitérios católicos revela por detrás da sua inocente simplicidade um ritual necromântico, quando executado com consciência do seu simbolismo. Sobre o túmulo, dentro do qual se encontram





os restos mortais, despeja-se um pouco de água símbolo da Vida para saciar a sede dos mortos e alumia-se uma vela para que a Luz permaneça guiando vivos e mortos entre os caminhos que na sepultura se cruzam entre ambos os mundos.

Nas épocas passadas em que se ofereciam alimentos aos mortos no cemitério a laje era o equivalente da mesa da cozinha e o ritual uma ceia entre vivos e mortos. Ora, se há uma tradição bizarra de culto aos mortos sem dúvida a que poderá ser eleita como a mais estranha será aquela que se fazia pela antiga Armórica: a de colocar o morto sobre a mesa da cozinha diante da janela principal e de cobri-lo com o pano com que se envolvia o pão cozido no forno para o proteger do sol e da poeira. A mesa da cozinha será talvez o altar mais primitivo da religião dos povos. Desde o Neolítico que conhecemos a tradição de sepultar os mortos debaixo da laje da lareira da cozinha à volta da qual se faziam as refeições comunais. Comer e venerar os mortos sempre estiveram correlacionados. Cozinha e cemitério sempre foram parentes secretos. Sobre a superfície da mesa durante milénios se dividiu o pão e bebeu o vinho que se tornará no Cristianismo uma recordação da Última Ceia que antecipa a morte de Cristo.

Na tradição armórica era sobre a mesa da cozinha que se colocava o morto depois de lavado e vestido. À volta do cadáver assim deitado sobre a mesa de comer fazia-se a vigília nocturna e as orações antes de o enterrar. Desconfio que por detrás desta forma de despedida do morto está sub-repticiamente um culto de veneração àquele e aquela que se tornava desde então um Ancestral. Na minha família permaneceu a estranha tradição de um rito alternativo: a de o moribundo chamar antes de morrer o filho varão e segurar a sua mão enquanto a sua vida gradualmente se desvanecia. Assim me despedi de meu pai e meu avô. Esta é curiosamente a forma de transmissão iniciática do xamanismo de pai para filho em algumas zonas da Sibéria, uma espécie de passagem de poder de sacerdócio numa igreja hereditária.

A estranha relação entre o pão e o cadáver estabelecida na imaginação popular bretã era mediada pela toalha e a mesa. Muitas famílias conservavam religiosamente essa toalha como informa Anatole Braz, como fosse uma espécie de santo sudário. A sacralidade desse sudário era tão nobre quanto por um lado cobria os antepassados e, por outro, o pão de alimento diário. Por uma espécie de contágio mágico-

***Criamos com a nossa
civilização racional e científica um
vazio intolerável que
rompeu com os elos
atávicos que uniam
as almas dos que
mortos vivem na sua
mediocre aventura de
existir***

-semântico o acto de comer o pão de centeio ou trigo colhido no campo e tapado pelo mesmo sudário que cobriu os seus antepassados não deixa de, pelo mecanismo sígnico, ser uma forma de comungar com os Ancestrais. Comer sobre a mesma mesa em que se expôs o corpo morto dos antepassados e o pão consagrado pela Morte sob a sacralidade da toalha-sudário só poderia ser vivido como um poderoso sacramento alternativo ao sacramento da eucaristia em que se comia por mimesis o corpo de Cristo. Não deixo de sorrir pela forma criativa como os povos conseguiram ludibriar a vigilância e serventia da religião cristã conservando ritos aparentemente inocentes

mas reveladores, contudo, de cultos gentílicos aos Ancestrais. Reforçando esta ideia não deixa de ser eloquentemente simbólico o facto de que o trigo e o centeio serem habitualmente semeados nos primeiros dias de Novembro, quando se celebrava o culto aos Mortos e Antepassados, para depois ser colhido em Agosto no pico do sol de verão, informando-nos sobre a relação simbólica intrínseca entre a Morte e o Sol, símbolo da Vida Eterna.

Nas sociedades modernas rejeitamos muitos ritos fúnebres que hoje consideramos mórbidos pela sua obscura ânsia de comunhão com o mundo dos vivos. Por todos os meios expulsamos a morte porque ela nos lembra a inevitabilidade da aniquilação e desfiguração do corpo que desejamos eterno. O que há de eterno no corpo é o seu esqueleto e aqueles que ainda hoje honram o esqueleto, como os bruxos tradicionais europeus ou os monges budistas tibetanos, nas suas meditações místicas e transe iniciáticos celebram a Eternidade Essencial por detrás da carne do sucessivo devir. Criamos com a nossa civilização racional e científica um vazio intolerável que rompeu com os elos atávicos que uniam as almas dos que mortos vivem na sua mediocre aventura de existir neste mundo e os vivos que pensamos mortos e vivem serenos o seu não-existir no outro mundo. O Ankou é a encruzilhada semiológica forjada pela alma céltica sobrevivente na Armórica entre os Vivos e os Mortos. É o exemplo de como uma Antiga Aliança do Passado com o Futuro ainda sobrevive no fugidio devir do Presente. •





venha “madame lamort” levar os genocidas das raízes filiais do desejo

Fátima Vale

acordei com uma crista de soldadi-
nhos de chumbo
sem os longos cabelos negros raízes
do caos
os cabides envergavam as roupagens
cadavéricas do entusiasmo
contudo na ânsia de se compostarem
para o pânico
para o mundongo tremor da ansie-
dade
os gatos repousam-me na cabeça
os soldados alinham-se em trinchei-
ra e com este capacete felino
ronrona em mim a implosão da re-
volta
não admito mais que proíbam a exis-
tência da artificação da humanidade
todo o animal é um criador
não admito mais que a rua seja regu-
lamentada pelo poder
que os movimentos sejam oprimidos
não admito mais profanação da na-
tureza
muitas vezes já só as nossas camisas
se abraçam no roupeiro
lidam-se por ali há longas tempora-
das

olhando para elas noto-lhes o deses-
pero do abandono
da quietude
sofrem os figurinos na asfixia da per-
sonagem
tribo exilada num miserável corpo
entregue a si mesmo
“hás-de atomizar-te com a rebeldia!”
- o caralho!
é tempo de nos retirarmos das gaio-
las de arame que fazem as saias antigas
voar é Ser Ar__acontecer-Se
regar as plantas com as lágrimas da
chuva que escorre pela face de cada tribo
escrever livros como quem concebe
filhos
pintar como quem despolui as cons-
ciências
dançar como purificação das línguas
tanto mais para evitar a implosão
para evitar a putrefacção vivenda
nós os artistas não somos culturais
não somos nada__Estamos
colhemos a verdade de todos os sil-
vados
não servimos à mesa
alimentamos-nos muito

mas condenam-nos à fome__geno-
cídio limpo
o que seria do mundo sem a arte__
pergunto
mas é fácil saberes
basta andar pelas ruas
pelos metros
o poder tem feito uma excelente de-
sartificação__estamos todos deveras
suicidados

venha o amor salvar o habitáculo dos
deuses__o entusiasmo
e venceremos
o sangue é o sol que nos corre nas
veias
que se lave o betão das estradas caró-
tidas do mundo
e voltemos a SER
simples mente Ser

*fátima sapetiveoatl vale
chamatielhos an_arquistas, caderno arte-
sanal, edições betarrabista, •*



Santo Orifício (parte 1)

BM Resende

não-dramatis ex-personae: exquísitor estevão, carrasco geremias; horácio, o defecador; estefânia, a gemadeira; almerinda, a assoadeira; um cão com cinco cabeças; eco das hienas de amoníaco

(Levantamento de panos. À esquerda uma tabuleta diz “ameixeira”, à direita uma tabuleta diz “açucenas”).

carrasco jeremias

Eis-me chegado aos confins do mundo.

(Aproxima-se da tabuleta que diz “ameixeira”).

A esta zona desértica dominada por uma poderosa ameixeira.

(Ouvem-se relâmpagos.)

Pois que o castigo dos celerados inimigos das cadeias dos deuses a tal obriga. E será neste inóspito lugarejo

abandonado pelas mãos humanas que o julgamento saciará a ira dos bem-aventurados deuses. Sedentos da mão pesada da justiça que acalma a contenda. Porque nada os detém nos seus rumos sapientes à eternidade. E que os ultrajes às leis divinas não sirvam de exemplo. Que assim sendo se instale o poder da justa recompensa pela impiedade.

(Ouvem-se relâmpagos. O carrasco jeremias ajoelha-se.)



Ameixeira de ramos possantes e lúcidos, sê a testemunha da nossa quimera de justiça.

(Ergue os braços aos céus.)

Comunica-a pelos teus galhos que se enraízam no céu até ao paradeiro dos deuses nas alturas. Para que eles se regozijem com as nossas demandas e nos alentem o espírito para a necessidade de castigar os ultrajes.

(Entra o exquisidor estevão de mochila às costas.)

carrasco jeremias

(Sem notar a presença do exquisidor estevão.)

Implora-lhes que nos forneçam a luz das suas sabedorias. Para que com elas nos achemos homens de bem. Para que com ela invoquemos a cólera divina necessária à excomunhão dos pecados de entre nós. E que...

exquisidor estevão

Que estás a fazer?

carrasco jeremias

(Sobressaltado.)

O quê?

exquisidor estevão

Que raio estás tu a fazer?

carrasco jeremias

(Levanta-se.)

Era um prólogo...

exquisidor estevão

Um prólogo? Para quem?

carrasco jeremias

Para a ameixeira.

exquisidor estevão

(Olhando para a tabuleta.)

E ela ouviu?

carrasco jeremias

Acho que sim.

(Silêncio.)

carrasco jeremias

Estevão, desculpa a pergunta... Mas o que é uma ameixeira?

exquisidor estevão

(Pega num cigarro e mete-o à boca.)

É uma meixeira que deixou de ser.

(Olha o carrasco jeremias de alto a baixo.)

Bela farpela tu arranjaste. É suposto dar-te ares de carrasco?

carrasco jeremias

Não encontrei melhor. É o fato de

"Ele muitas vezes me explicava à sombra da lareira como se apanhavam abelhas para a apicultura com a rede de pesca."

apicultor do meu avó que já esticou o toucinho. Que os deuses o tenham...

exquisidor estevão

Fica-te a matar. Diria que te ficas a aparentar com um carrasco arraçado de astronauta. E esta merda que não funciona.

carrasco jeremias

Estevão, estás a tentar acender o cigarro com um agrafador.

exquisidor estevão

Ora foda-se. E lá se foram os agrafes todos. Que...

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquisidor estevão

Shiu! Fora de tempo... Assim não dá... Onde é que raio tenho o lume.

(Guarda o agrafador e procura um isqueiro nos bolsos.)

Jeremias, tens lume? Tenho de perder a mania de pousar isqueiros vermelhos em cima de livros vermelhos.

carrasco jeremias

Não.

(Pensa.)

Então um agrafador será uma dor grafada que não existe?

exquisidor estevão

Exacto!

(Dá-lhe uma galheta.)

Deixa lá o lume. Temos de estar sempre a arranjar novas formas de fazer a mesma coisa.

(Mastiga e engole o cigarro.)

Olha lá, trouxeste quatro arguidos como te tinha pedido?

carrasco jeremias

Claro! E de boa saúde. Estão atrás daquela amendoeira à espera que os chames.

exquisidor estevão

(Põe a mão sobre a testa a tapar o sol que não existe.)

Não vejo amendoeira nenhuma.

carrasco jeremias

É uma mendoeira que deixou de existir.

exquisidor estevão

Hum... Andas a ficar fino. E como é que os seleccionaste?

carrasco jeremias

Fui à aldeia mais próxima e pus-me de atalaia à saída da loja de esfregonas. Fechei os olhos e quando ouvi barulho de passos lancei uma rede de pesca que era do meu avô. Que os deuses o tenham em descanso. Ele muitas vezes me explicava à sombra da lareira como se apanhavam abelhas para a apicultura com a rede de pesca.

exquisidor estevão

Excelente jeremias. Saíste um carrasco competente.

(Dá-lhe uma galheta.)

Tudo em condições perfeitas assim sendo.

(Olha em redor.)

Então vai-me buscar uma cadeira para me sentar. Vou vestir o traje oficial. A ver se começamos isto.

(O carrasco jeremias sai. O exquisidor estevão abre a mochila e retira o traje de exquisidor. Veste-o.)

carrasco jeremias

(Entra a gemer.)

Só consegui arranjar esta bilha de gás. Esvaziei-a porque pesava muito e para além disso podia ser perigoso andar por aí com a bilha cheia de um lado para o outro.

(Pousa a bilha junto à ameixeira.)

exquisidor estevão

Serve.

(Senta-se.)

carrasco jeremias

Mas que traje estevão! Pinduricalhos dourados e tudo. Onde o arranjaste?

exquisidor estevão

Saiu-me de oferta numa caixa de cereais. Adiante... Carrasco, traz o cartaz do santo orifício.

(O carrasco jeremias sai.)

exquisidor estevão

(Pigarreia.)

Declaro o início da cerimónia do santo orifício perante a testemunha da



Santo Orifício

ameixeira, cujos galhos se estendem às alturas do paradeiro dos deuses aos quais obedecemos com toda a submissão e ardor e assim por diante...

carrasco jeremias

(Entra com um cartaz enorme contendo uma fotografia de um rabo com o ânus arreganhado.)

Onde ponho o cartaz magnânimo juiz?

exquisidor estevão

Ao lado da ameixeira mas não muito junto para não confundir. De forma a dar a entender que o santo orifício a tudo assiste e a tudo julga.

(Olha em redor.)

Carrasco, depois chega-me um pauzinho.

carrasco jeremias

(Pousa o cartaz entre a ameixeira e as açucenas. Afasta-se e analisa o enquadramento. Dá-se por satisfeito.)

Com certeza excelentíssimo exquisidor.

(Apanha um pauzinho do chão.)

Este serve digníssima alteza?

exquisidor estevão

Serve.

(Bate três vezes na bilha.)

Se calhar era melhor ter feito o discurso depois de bater na bilha. E depois de o santo orifício estar presente...

(Silêncio.)

Adiante. Ia dar no mesmo. Vai buscar o primeiro arguido carrasco.

carrasco jeremias

Com certeza excelso exquisidor.

exquisidor estevão

Espera! Falta-te um garamiço a ti também. É importante para dar mais ares de autoridade. Um que condiga com a tua fatiota.

carrasco jeremias

Hum... Este não... Este também não...

Ah! Este serve.

(Pega no garamiço e sai.)

exquisidor estevão

(Canta agitando o pauzinho como se fosse uma batuta.)

se no rabo sentes uma traça

é porque algo se passa

é porque algo se passa

é porque algo se passa

se no olho sentes um mosquito

espeta-lhe um palito

espeta-lhe um palito

espeta-lhe um palito

(Entra o carrasco jeremias trazendo horácio, o defecador preso por correntes numa cadeira de rodas.)

carrasco jeremias

Horácio, o defecador, comparece por ordens divinas e perante testemunho da ameixeira, ao tribunal do santíssimo orifício. Filho do seu pai e da sua mãe, neto dos seus avós e assim por diante. Que o cajado da justiça lhe seja pesado.

exquisidor estevão

Que!

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquisidor estevão

Que...

(Pensa.)

Carrasco, anda cá. Horácio, vai dar um beijinho ao santo orifício.

(O carrasco jeremias aproxima-se do exquisidor estevão que lhe segreda ao ouvido, o carrasco jeremias também lhe segreda ao ouvido. Horácio, o defecador beijo o ânus do cartaz. O exquisidor estevão come um cigarro.)

Que está acusado de limpar o rabo sem dar quatro voltas ao papel higiénico.

horácio, o defecador

(Indignado.)

Mas...

exquisidor estevão

Não! Não adianta dizer que não fez aquilo que fez defendendo-se com a teoria de que fazia outra coisa caso alguma vez ousasse pensar em fazer aquilo que fez. E assim por diante.

horácio, o defecador

(Indignado.)

Mas...

exquisidor estevão

Shiu! Como se declara?

horácio, o defecador

Inocente.

exquisidor estevão

Ele diz que se declara inocente!

(Ri.)

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquisidor estevão

Se se declarar culpado a justiça divina será mais branda. Como se declara?

horácio, o defecador

Inocente.

exquisidor estevão

Ele diz que se declara inocente!

(Ri.)

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquisidor estevão

Última hipótese de apaziguar a ira dos deuses com a sua declaração de culpa. Como se declara?

horácio, o defecador

Ah... Hum... Culpado...

exquisidor estevão

Boa escolha caro arguido. Carrasco! Leva-o para os calabouços.



**carrasco jeremias**

Hum... Digníssimo exquísitor, tenho uma questão.

exquísitor estevão

Sim carrasco.

carrasco jeremias

Onde são os calabouços?

exquísitor estevão

Idiota.

(Levanta-se e prega-lhe uma galheta.)

São ali atrás daquelas açucenas.

carrasco jeremias

Ah! As sucenas que deixaram de ser!

exquísitor estevão

Exacto.

horácio, o defecador

Mas...

(O carrasco jeremias acerta-lhe com o garamiço numa orelha e dirige-o para a tabuleta que diz açucenas.)

exquísitor estevão

Este já lá mora. Vai buscar o segundo arguido carrasco.

(O carrasco jeremias sai.)

exquísitor estevão

(Canta agitando o pauzinho como se fosse uma batuta.)

com a língua de molho
faço sopa de justiça
e se me olham de lado
meto-os logo na carriça

no fundos dos calabouços
pedem clemência e pão
levam grandes galhetas
até gemerem de satisfação

(Entra o carrasco jeremias trazendo estefânia, a gemideira presa por correntes numa cadeira de rodas.)

carrasco jeremias

Estefânia, a gemideira, comparece por ordens divinas e perante testemunho da ameixeira, ao tribunal do santíssimo orifício. Filha do seu pai e da sua mãe, neta dos seus avós e assim por diante. Que o cajado da justiça lhe seja pesado.

exquísitor estevão

Que!

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquísitor estevão

Que...

“Este cão com cinco cabeças, comparece por ordens divinas e perante testemunho da ameixeira, ao tribunal do santíssimo orifício.”

(Pensa.)

Carrasco, anda cá. Estefânia, beija o ânus divino.

(O carrasco jeremias aproxima-se do exquísitor estevão que lhe segreda ao ouvido, o carrasco jeremias também lhe segreda ao ouvido. Estefânia, a gemideira beija o ânus do cartaz. O exquísitor estevão come um cigarro.)

Que está acusada de se masturbar com um crucifixo invertido.

estefânia, a gemideira

(Indignada.)

Mas...

exquísitor estevão

Não! Não adianta dizer que não fez aquilo que fez defendendo-se com a teoria de que fazia outra coisa caso alguma vez ousasse pensar em fazer aquilo que fez. E afins.

estefânia, a gemideira

(Indignada.)

Mas...

exquísitor estevão

Caluda! Como se declara?

estefânia, a gemideira

Inocente.

exquísitor estevão

Ela diz que se declara inocente!

(Ri.)

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquísitor estevão

Se se declarar culpado a justiça divina será mais branda. Como se declara?

estefânia, a gemideira

Assim sendo... Culpada.

exquísitor estevão

Boa escolha cara arguida. Carrasco! Leva-a para os calabouços.

estefânia, a gemideira

Mas...

(O carrasco jeremias acerta-lhe com o garamiço numa orelha e dirige-a para a tabuleta que diz açucenas.)

exquísitor estevão

Esta também já lá canta. Vai buscar outro.

(O carrasco jeremias sai.)

exquísitor estevão

(Canta agitando o pauzinho como se fosse uma batuta.)

gemem aos ventos
contorcem-se no leito
arranham os crucifixos
até o clímax ser feito
mas de orgasmos divinos
está o mundo cheio
e para aprenderem a lei
ficam com eles a meio

(Entra o carrasco jeremias trazendo o cão com cinco cabeças preso por correntes numa cadeira de rodas.)

carrasco jeremias

Este cão com cinco cabeças, comparece por ordens divinas e perante testemunho da ameixeira, ao tribunal do santíssimo orifício. São eles, da esquerda para a direita dependendo de se estar de frente ou de costas... ou afins... os seguintes! Fusão, o cão fusão. Creto, o cão creto. Níbal, o cão níbal. Tágio, o cão tágio. E gruência, o cão gruência. Filhos dos seus cães e das suas cadelas, netos... e assim por diante. Que o cajado da justiça lhe seja pesado.

exquísitor estevão

Que!

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquísitor estevão

Que...

(Pensa.)

Carrasco, anda cá. Canitos, beijem o ânus à vez e sem lamber.

(O carrasco jeremias aproxima-se do exquísitor estevão que lhe segreda ao ouvido, o carrasco jeremias também lhe segreda ao ouvido. O cão com cinco cabeças lambem o ânus do cartaz.)

Sentados e pouca baba!

(O cão com cinco cabeças senta-se. O exquísitor estevão come um cigarro.)

Que tu, tu, tu, tu e tu estão acusados de comerem os biscoitos aos gatos.



um cão com cinco cabeças

Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

exquisidor estevão

Não! Não adianta dizer que não fizeram aquilo que fizeram e assim por diante...

um cão com cinco cabeças

Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

exquisidor estevão

Como se declaram?

um cão com cinco cabeças

Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

exquisidor estevão

Eles dizem que se declaram inocentes!

(Ri.)

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

carrasco jeremias

Caro exquisidor, por acaso declararam-se culpados.

um cão com cinco cabeças

(Olham demoradamente uns para os outros.)

Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

exquisidor estevão

Ah bom.... Boa escolha caros arguidos. Carrasco! Leva-os para os calabouços.

um cão com cinco cabeças

Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

(O carrasco jeremias acerta-lhes com o garamiço nas orelhas e dirige-os para a tabuleta que diz açucenas.)

exquisidor estevão

Estes também já estão. Seguinte.

(O carrasco jeremias sai.)

exquisidor estevão

(Parece ir começar a cantar agitando o pauzinho como se fosse uma batuta mas não. Solettra palavras e onomatopéias soltas.)

(Entra o carrasco jeremias trazendo almerinda, a assoadeira presa por correntes numa cadeira de rodas.)

carrasco jeremias

Almerinda, a assoadeira, comparece por ordens divinas e perante testemunho da ameixeira, ao tribunal do santíssimo orifício. Filha de tal e tal e assim por diante. Que o cajado da justiça lhe seja pesado.

**“o carrasco jeremias
também lhe segreda
ao ouvido. Almerinda,
a assoadeira beija
o ânus demoradamente.”**

exquisidor estevão

Que!

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquisidor estevão

Que...

(Pensa.)

Carrasco, anda cá. Almerinda, beija o rabo divino.

(O carrasco jeremias aproxima-se do exquisidor estevão que lhe segreda ao ouvido, o carrasco jeremias também lhe segreda ao ouvido. Almerinda, a assoadeira beija o ânus demoradamente.)

Chega! Senta-se.

(Almerinda, a assoadeira senta-se.)

Que estás acusada de assoar as moncas às páginas dos livros sagrados.

almerinda, a assoadeira

É verdade excelentíssimo exquisidor.

exquisidor estevão

Não! Não adianta dizer que...

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquisidor estevão

Shiu!

(Admirado.)

É verdade?

almerinda, a assoadeira

Sim digníssimo juiz.

exquisidor particular

Hum... Declara-se culpada assim sem mais nem menos?

almerinda, a assoadeira

Culpadíssima excelso exquisidor.

exquisidor estevão

Estranho...

almerinda, a assoadeira

Fiz isso inúmeras vezes ilustre juiz. Aliás, nem me lembro de algum dia ter assoado as moncas a algo que não fosse a páginas de um livro sagrado.

exquisidor estevão

Assim sendo condeno-a à pena capital!

(Ri.)

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquisidor estevão

És condenada a...

(Pensa.)

Carrasco, qual é a pena capital? Tive uma branca.

carrasco jeremias

Não sei meritíssimo juiz.

exquisidor estevão

Sabes almerinda?

almerinda, a assoadeira

Não ilustre reverência. Sou apenas uma vassala das ordens divinas.

exquisidor estevão

(Pensa.)

Carrasco, vai perguntar aos outros se sabem.

carrasco jeremias

Com certeza magnífico exquisidor.

(Aproxima-se das açucenas.)

Alguém sabe qual é a pena capital?

horácio, o defecador

Nunca ouvi falar de tal coisa.

estefânia, a gemideira

Tais termos são estranhos às minhas orelhas.

um cão com cinco cabeças

Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

carrasco jeremias

Ilustre juiz, ninguém faz a mínima ideia do que isso seja.

exquisidor estevão

Bem. Não interessa. Irei lembrar-me de algo.

(Pensa e vasculha nos bolsos.)

Ah ah! Já sei. És condenada pelo supremo e santíssimo orifício a podar esta ameixeira com este corta-unhas!

carrasco jeremias

Iminência, isso é um agrafador.

exquisidor estevão

(Olha atentamente.)



Tens razão.

(Vasculha nos bolsos.)

Ah ah! Bem me parecia que o tinha trazido. Carrasco, solta-a.

(O carrasco jeremias solta almerinda, a assoadeira. O exquisidor estevão aproveita a cadeira de rodas livre para se sentar. Almerinda, a assoadeira inicia a poda da ameixeira cabisbaixa.)

exquisidor estevão

Irra. Que já estava a ficar com o rabo em forma de bilha.

eco das hienas de amoníaco

Que! Que! Que! Que! Que!

exquisidor estevão

Shiu!

(Começa a enxotar as hienas de amoníaco com o pauzinho.)

Ideregar para o cemitério dos vossos pais seus guinchos de urina! Estão oficialmente despedidas suas crostas de carrapato arrancadas à chinelada! Ide para o fim do mundo para lá do fim do mundo suas escarradelas de tumbas! Andor! Andor!

(Senta-se exausto.)

Irra. Isto de ser exquisidor cansa.

(Pega num cigarro e mete-o à boca.)

Jeremias? Onde andas?

carrasco jeremias

(Entra a chupar os dedos.)

Os arguidos chamaram. Queriam comida.

exquisidor estevão

E deste-lhes?

carrasco jeremias

Claro. Agriões para todos. Os griões que deixaram de ser. Bem bons.

exquisidor estevão

Muito bem. Podes descansar se quiseres. Alapa-te aí à sombra da ameixeira.

carrasco jeremias

(Senta-se na bilha e suspira.)

Já não trabalhava tanto desde que o meu avó morreu. Quando andava com ele a apanhar abelhas com redes de pesca chegava a casa estafado. Até adorava a comer a sopa de salamandras. Geralmente sonhava que estava a nadar num rio tropical bem escaldado pelo sol. Acordava com as galhetas da minha avó quando queria lavar a louça. Bons tempos estevão... Bons tempos...

exquisidor estevão

Todos os dias cheiravas a sopa na sala de aula.

(Ri.)

Olha lá, podias ir ver se algum dos arguidos tem lume? Estou farto de comer cigarros.

carrasco jeremias

(Atira-lhe um isqueiro.)

Confisquei-o a um dos cães. Usava-o para cozinhar os biscoitos dos gatos.

exquisidor estevão

Bem lembrado jeremias.

(Pega no isqueiro e acende o cigarro. Saboreia a primeira lufada com imenso prazer.)

Olha lá. Sabes o que é um biscoito?

carrasco jeremias

Agora que perguntas acho que não.

exquisidor estevão

Um biscoito é um coito duplo.

(Silêncio.)

carrasco jeremias

Olha lá, como é que arranjaste este trabalho?

exquisidor estevão

Ah Ah!

(Ri-se. Pega num cigarro e estende-o ao carrasco jeremias. Acende-o.)

Nem sei bem. Mas vou-te resumir a história.

(Vira-se para as açucenas.)

Arguidos, tapem as orelhas.

(Os arguidos tapam as orelhas com as mãos que afinal estavam soltas. Os cães tapam as orelhas encostando-se uns aos outros e tapando as orelhas que ficaram nas extremidades com as patas.)

exquisidor estevão

(Vira-se para a ameixeira.)

Almerinda, tu também.

almerinda, a assoadeira

Não consigo podar a ameixeira com o corta-unhas e tapar as orelhas ao mesmo tempo.

exquisidor estevão

Consegues sim. Jeremias, enfia-lhe dois cigarros nas orelhas.

(Estende-lhe dois cigarros.)

(O carrasco jeremias enfia os cigarros nas orelhas de almerinda, a assoadeira. Ela continua a podar a ameixeira com o corta-unhas cabisbaixa.) •

“Ide para o fim do mundo para lá do fim do mundo suas escarradelas de tumbas! Andor! Andor!”

The background of the entire image is a white surface covered with numerous splatters of dark red ink. Three fountain pens, with barrels in shades of gold and green, are positioned diagonally across the frame. One pen is on the left, one in the center, and one on the right. The word 'MORTE' is printed in large, bold, red capital letters across the upper portion of the image, partially overlapping the pens and the ink splatters.

MORTE

Adamastor

“ A maior parte das pessoas morre apenas no último momento; outras começam a morrer e a ocupar-se da morte vinte anos antes, e às vezes até mais. São os infelizes da terra.”



A Morte, o Ato de morrer, o cessamento permanente das atividades biológicas necessárias à manutenção da vida, são infindáveis os significados que podem ser dados a uma palavra tão curta, mas ao mesmo tempo tão poderosa e amaldiçoada.

Enquanto me debruçava sobre tão Nobre senhora, tentei recordar qual teria sido o meu primeiro contacto com Ela, pus a velha e cansada máquina de pensar a trabalhar e depois de ultrapassar os contactos mais marcantes e traumáticos, como um marinheiro depois e ultrapassar a pior das intempéries descobri-me sob céu azul e lembrei-me da primeira vez que me recordo de falar da Morte com a minha mãe, lembro-me da grande dificuldade que tive em perceber aquilo que me estava a ser dito e principalmente guardo comigo a primeira conclusão que tirei sobre Ela... As pessoas morriam para que novas pessoas pudessem viver. Era a única forma para que Todos pudessemos viver, para que Todos pudessemos Existir.

Mas o Ato de morrer tem muito mais que se lhe diga, a morte tem que ser vista de longe para que se possa ter a verdadeira noção da sua grandeza. Não podemos basear a nossa opinião subjugados por ideias de uns quantos pensadores que chamam a si a verdadeira sapiência.

O que é a morte? Porque tem ela que ser algo mais do que simplesmente o fim do nosso tempo, o fim da nossa validade? Porque são os Homens tão obcecados com a morte se quando Nós vivemos ela não existe e se quando ela acontece deixamos nós de existir? Se pensarmos bem nós nunca vivemos a nossa morte, a morte traz-nos sofrimentos é certo, mas sofrimento derivado da morte de outros, e quando esses outros morrem, comumente nos encontramos a desejar viver a vida da melhor forma, aproveitá-la o melhor que pudermos, pois depois de mortos tudo acabou.

Mas nem todos podem pensar na morte dessa forma tão simples, pois durante gerações as suas mentes foram moldadas e ensinadas a pensar que depois da morte é que existe a vida, um outro mundo, um lugar de recompensa, de igualdade e honestidade, em oposição ao mundo terreno, onde toda a chamada vida foi vivida a sofrer entre divisões e desonestidade... Para essas pessoas a morte é o motivo pelo qual viveram. O principal perigo desse destino natural é quando o seu desconhecimento, e a não possibilidade de explicação, fazem com que alguns utilizem o medo do desconhecido de forma tão hábil quanto um pastor e o seu cão na condução de um rebanho.

O que é realmente a morte? Não

existe uma única resposta para essa pergunta, temos uma resposta em cada boca pois depende muito da percepção de cada um. Já houve quem dissesse que o mundo está dividido não em crenças religiosas mas entre aqueles que temem a morte e os que não.

Na minha boca o Morrer tem várias formas de acontecer, não me cinjo simplesmente à morte física, pois para meu horror podemos, apesar de vivos, estar mortos. Será que realmente tem que existir uma total ausência de vida para que estejamos realmente mortos, ou poderemos morrer e ao mesmo tempo o coração bater pujante no nosso peito? Tenho medo de morrer, medo de viver morto, de existir desprovido de vida... Sem aquele brilhinho nos olhos, sem voltar a sentir o arrepio na espinha, que como um relógio biológico ocasionalmente me lembra que estou vivo. Basta um coração a bombear sangue para todas as nossas extremidades, será que basta a atividade física para que nos possam considerar um ser vivo? Tenho medo de morrer, tenho medo de me encontrar vivo mas sem viver, de ficar preso a um corpo moribundo sem consciência de que o meu fim chegou. Podemos morrer várias vezes durante uma vida, porque vida essa temos realmente só uma, mas mortes já essas...

Quando me pediram para falar sobre a Morte, pensei realmente que teria muito para dizer, muito para constatar, mas realmente constato que quanto mais penso Nela mais acredito Nelas. Não basta um coração a bater no nosso peito, não se não soubermos o que fazer com essa energia, um coração a bombear não significa por si só que estamos vivos, pois quando o homem perde o entusiasmo, até que o recupere, se recuperar, estará morto, pois a morte é a ausência de vida e quando existimos simplesmente, sem pinga de vida em nós, aí estamos mortos, pois não vivemos de forma alguma, existimos apenas, mortos!

Mas porque passamos tanto tempo a tentar decifrar o fim e o que ele representa. O fim é o fim, da mesma forma que o vazio é vazio e a ausência do que quer que seja. Porque não nos concentramos na vida, porque não tentamos perceber qual a verdadeira essência da vida, vida essa que conhecemos, o Ato de viver será menos misterioso e desinteressante que o seu oposto?

O que podemos tirar da morte se ela não nos dá nada, vivemos o último dia da nossa vida, mas nunca viveremos o primeiro dia da nossa morte, esse será vivido por outros que não nós.

E agora se eu dissesse que mesmo mortos poderemos estar vivos, não nós literalmente, mas poderemos viver na

lembrança de outros que se mantiverem vivos até ao seu próprio fim. A única salvação, a única vida para além da morte será tão longa e tão forte, quanto forem os anos da nossa memória e da nossa lembrança na vida de outras pessoas. Poderemos ainda ser recordados após a nossa morte e viver para além do nosso fim, como um eco, quando gritamos e nos ouvirmos depois de já termos dito. Um eco que poderá ser ouvido durante breves instantes para além da nossa morte, mas não mais para além disso.

Prefiro ficar à parte do pânico em massa, faço parte dos que não temem o fim, a morte, faço parte dos que não acreditam numa vida de miséria, quanto mais miserável melhor, de forma a que possam ter, após o fim, algum tipo de recompensa mesmo à maneira dos antigos vendedores de banha de cobra. Sempre fui dos que precisei de ver para crer, e não vendo não creio numa vida para além da separação das moléculas do meu corpo.

Mas a sedutora Senhora sempre fará parte dos meus dias, pois vejo fim e morte à minha volta, à nossa volta. Ela está omnipresente e sempre estará, pois ninguém fica para semente, como diriam os antigos, e como o Ser Humano julga que tudo tem que ter uma justificação aceitável aos ouvidos de cada um, sempre, dia após dia será investigada uma forma de explicar o primeiro dia da nossa morte, aquele que nunca vivemos, que nunca nos dará nada, mas é ao mesmo tempo o dia que mais tememos.

Concentremo-nos na vida, nessa excitante e imprevisível vida, que como destino tem a morte, mas que terá que ultrapassar várias delas até que a derradeira chegue. Vivamos, com a certeza de que não levaremos nada deste mundo, mas poderemos deixar.

Podemos vencer a morte e para isso não é necessário construir pirâmides ou outras maravilhas, vivendo com a certeza de que o fim chegará tenderá a fazer com que façamos ainda mais com os nossos dias, de forma a que quando a foice mitológica dessa caveira de vestido nos cortar o tempo possamos ainda viver no tempo da lembrança de outros que nos foram queridos, ou não... Como disse o poeta "recordar é viver", pois façam-se recordar e poderão viver, mesmo que como um eco ténue do que já foi uma vez mas não é mais.

Quando lemos um livro, devoramos letra a letra, palavra a palavra, ansiamos pela conclusão, pelo fim, mas se estamos envolvidos pela história desejamos que o fim não chegue, pois sabemos que para além da última página nada mais existe e a aventura acaba.. •



Vazio e Morte na Perspectiva Iniciática

Luís Couto

O vazio é aquilo que não é preenchido, é o sol que permite que a vida exista. Por si próprio não gera, mas é o princípio imutável e a realidade que a tudo subjaz. É ausência de espaço e de tempo, porque está para lá da realidade ditada pelo espaço e tempo.

O vazio no Extremo-Oriente não tem a mesma conotação negativa que no Ocidente. Tal deve-se a diferenças culturais que não são de menosprezar. Uma exploração dos textos sagrados e contos tradicionais Hindus mostram como estes, desde há muitos séculos, acreditam que a vida nascida de forma e substância é uma ilusão, apesar de não terem dúvidas da sua existência. Este aparente paradoxo está vastamente ilustrado nos textos no de Yogavasistha.

À maioria dos ocidentais faz aflição pensar na morte como vazio, porque a realidade que consideram é apenas material. Nas consciências, tudo está encerrado no espaço e tempo.

Mas há a possibilidade de transcender o próprio espaço e tempo, atingir um vazio que não é uma negação, mas uma afirmação. Este é o caminho iniciático, assuma a forma que assumir. Para um iniciado, a distinção entre morte e vida não faz sentido senão através de

uma visão redutora e prática da realidade.

No “Hagakure” – guia prático e espiritual para o guerreiro samurai –, apela-se a que o samurai morra um pouco todos os dias para que assim deixe de temer a morte. Quem atingiu o vazio, mesmo vivendo, morreu como simplesmente profano para renascer de outra forma – encontramos também esta ideia na tradição hermética ocidental e em certas ordens heréticas do cristianismo, como os Templários ou os Cátaros. Se recuarmos mais no tempo, encontraremos esta prática entre povos celtas e culturas de cariz xamânico.

O guerreiro, o asceta e o iniciado sabem que a morte é apenas uma mudança de estado, estado este para que se treinem em tudo aquilo que fazem nas suas vidas. Vencendo o medo da morte, nada mais têm a temer.

É usual distinguir-se duas vias ini-



ciáticas, ora designadas como via da mão esquerda e via da mão direita, ora designadas como via húmida e via seca ou árida. Preferimos usar a última distinção. Nesta, a via seca ou árida corresponde a um estilo de vida ascético em que se limpa aos poucos as impurezas da alma, num processo lento e gradual. Já na via húmida, o processo passa por gozar sem limites auto-impostos os prazeres que a vida tem para oferecer, até ao excesso. Em vez de uma preparação gradual para o acordar, dá-se para uma mudança de estado súbita e repentina. As condições sociais, económicas e psicológicas do mundo actual tornam cada vez mais difícil seguir a via seca, sendo mais adequadas para a perigosa via húmida. No entanto, esta via, no lugar da ascensão, mais facilmente leva a uma degradação. Aliás, mesmo que conduza à ascensão, a degradação é que serve de meio para esta. Encontra-se em “The Marriage of Heaven & Hell” de William

Blake uma referência directa à via húmida – “The road of excess leads to the Palace of Wisdom”.

Em ambos os casos, e contrariamente àquilo que muitos pensam, não se trata de matar o ego, mas sim de domá-lo; não se trata de não desejar ou reprimir os desejos, mas ter o desejo sob o domínio da Vontade (aliás, as conhecidas palavras de Aleister Crowley - “Love is the Law/Love under Will” apontam nesse sentido). Se na via seca vão-se reprimando os desejos, limpando-se assim as impurezas da alma, na via húmida elevam-se estes ao limite, até que se dê conta do seu vazio que, primeiramente é conotado de forma negativa, até que se dê uma mudança de estado no indivíduo que permita uma vivência do vazio numa aceção positiva.

O Vazio está para lá de qualquer dualidade, logo além da possibilidade de ser negativo ou positivo. O Vazio É, exactamente porque é vazio. •



*“a via seca ou árida
corresponde a um
estilo de vida ascético
em que se limpa aos
poucos as impurezas
da alma, num proces-
so lento e gradual.”*



God Unborn

Melusine de Mattos

Allow me to bedazzle you
I am the greatest Trickster of all!

'Lift a stone and you shall find me.
Break a bough and you shall hear
me
For My Kingdom is here and Now!'
[This I have said before the dawning
of times
And yet you did not listen!]

I am Satan whom they call Christ
I've bathed in consecrated oils
Amongst the ivory thighs of my
priestesses
Amidst the ebony groins of my
priests!

I am Lust without shame
I am Desire without sin
I am Fornication made Communion!

Eat from me!
Drink from me!
Invite the Serpent into you lair
Become one with your Self!

Let God be Born!

Melusine de Mattos, in *Degraus de Fogo*, Editora Zéfiro, 2012 •



Deslocações poéticas

Mosath



“«As far as we can discern, the sole purpose of human existence is to kindle a light in the darkness of mere being.»»

Esfregam-se mãos nas vagas proporções,
Ambivalentes proporções de existência,
A um novo dia se resistir e rir são inten-
ções,
De pardos seres em cerebral maledicên-
cia.

A História é um pano furado nestes dias,
Tudo o que não se aplaude é o bestial

E nada há a fazer no pio das horas har-
pias,
Senão esquadrinhar em terra e mar sinal.

Não esqueço que morrer é um pesadelo,
Não esqueço que esquecer é um terror,
Sei da beleza do mundo em cru gozo e
apelo,
Sei da vontade em conter electricidade e
dor.

A plataforma vermelha deste ponto agi-
tado,
Permite aos olhos o desnudar de um di-
tado,
Que é sem deuses toda a dádiva da vida
E que são deuses aqueles que vivem a
vida!

Pouco se conta na sala de várias portas,
Entrar, sair, entradas retidas, acções tor-
tas,
O aproximar da derrota e o pó da sorte,
Ao entrar pelo portão o puxador que é
Morte!

O medo de desaparecer assim é gigantes-
co,
Reunir prazeres e laços neste mundo bur-
lesco,
É fórmula insuficiente para não se mor-
rer,
Diante dos amados e dos verbos ser e
querer.

A tua pele sente sobre a tua carne a lacri-



mejar,
Tens as dores que rebentam que nem vul-
cões
E as vísceras dos olhos persistem nesse
arranhar,
Dessas recordações que almofadarão os
caixões.

Eh, tu aí, tu lá! Eh, lembra-te do teu bom
lugar,
Farás deste mundo o teu vivo palco de
artes,
Enquanto o ego evoluir e a tua alma res-
pirar,
Marca poderosas em palco da Morte tuas
partes!

Oh! Ao orbitares em outrem numa praça
erma,
Murmura-o ou grita-o, oh, de notável co-
ração,
Os murmúrios e gritos daquilo que te
exacerba,
Os murmúrios e gritos daquilo que é frui-
ção!

Uma vasta planície queimada e um corpo
nu,
Uma banheira de sangue e um velho nu,
Um barco afundado de cores depressivas,
Gelo de vômito púrpura sem raízes vivas.

Vai! Vai! Vai! E não morras, não morras,
Sê o astro no firmamento de sumas hon-
ras,
Tu não és aquilo que aí na quietude vês,
Vai! Corredores e mãos, tu serás vezes
três.

Não morras no dia de veres um novo
porto
E, se acaso morreres, vai assaz morto,
Num caixão de pedras dos teus quereres,
Um leão de luz escrevendo entardeceres.

Terás vivido em compulsão por borra-
lhos,
Se não obteres uma luz engrandecedora,
Terás vivido uma não-vida com entalhos,
Dessa servidão que é comoção perturba-
dora.

E a Morte até terá sido igual à tua vida,
Terás estado fétido, imóvel, a sorte lida,
Com estupidez, naco que só meteu dó,
Morre e esquece! Somente. Mentos só. •

*"E, se acaso morreres,
vai assaz morto,
Num caixão de pedras
dos teus quereres,
Um leão de luz escre-
vendo entardeceres."*



Quando a Morte nos Liga

Metzli

*Lembro-me de tudo como se estivesse a acontecer neste momento.
Fui acordada pelo toque do nosso telefone.*

-Bom dia. Gostava de falar com um familiar da Dona Emília dos Santos.

-É a neta.

-Daqui é do hospital. Tenho notícias da sua avó para lhe dar, mas não são as melhores. Não sei se...

-Pode dizer.

-É que... Lamentamos, mas a sua avó faleceu esta madrugada.



A minha mãe foi quem me veio trazer o telefone porque não teve coragem para ser ela a receber a notícia, como se o facto de não ouvir logo lhe desse mais uns minutos de vida, por muito poucos que fossem. Ao desligar o telefone, segurei as mãos dela entre as minhas, tentei encontrar as melhores palavras, mas nenhuma delas servia. Não me lembro do que lhe disse; só conseguia ouvir o som do meu coração bater sem encontrar uma única razão para o fazer. Sabia que o sangue me corria nas veias mas que também não tinha ideia para onde deveria ir.

Tive de avisar a minha tia. Não estava. Foi o meu tio que atendeu e foi melhor. Não sei o que poderia eu dizer à filha da minha avó. Respirei um pouco mais aliviada; acabava de me livrar da segunda tarefa difícil da manhã: avisar o Pólo da Varziela. Liguei ao meu pai. Ele disse que vinha imediatamente. O tempo passou devagar. Saltamos logo para a parte da funerária. Como é que se trata de um funeral?

— Bom dia.

— Bom dia. Em que posso ajudar?

— Eu gostava de encomendar um funeral...

Qual era a ideia? 'Eu gostava de encomendar um funeral'? Só faltava a mulher do outro lado da linha me perguntar para que dia, se tinha preferência pelo local e para quantas pessoas seria.

— Sim. Diga-me só a sua morada que já enviamos aí alguém.

Pouco (muito) tempo depois, toda a família se reuniu no adro da igreja. O meu tio estava fora do carro, na entrada da capela mortuária. Os funcionários da agência funerária entravam e saíam, levando objectos. Nós não podíamos entrar ainda. A minha tia e a minha prima estavam no carro. Sentei-me o banco de trás, ao lado da minha prima. Agarramo-nos uma à outra, sem dizer nada, só a chorar. Não precisamos de trocar palavras para trocar sentimentos, muito menos naquele início temido de tarde. A minha mãe ficou do lado de fora, tentando ser mais forte, tentando ser a irmã mais velha, a mulher mais velha da família, e a sofrer sozinha.

Quando tivemos autorização, eu entrei. A pequena divisão onde ela estava pareceu-me, de repente, enorme, com capacidade para me devorar a alma. E o corpo da minha avó estava ali, à minha frente, numa caixa de madeira, sozinha e imóvel naquele espaço nada acolhedor. A luz era amarela do amarelo que está associado à morte e à doença. O amarelo das pessoas que se sentem mal por algum motivo. O amarelo dos corpos mortos, onde o sangue já não circula mais nas veias. Aquele que vem

à mente quando escutamos a leitura do livro do Apocalipse, quando o último cavaleiro é libertado.

"E eu vi, e eis um cavalo descorado; e o que estava sentado nele tinha o nome de Morte. E Hades o seguia de perto". E eu vi, e eis aquela que me tinha criado, e à sua volta havia madeira de várias tonalidades. E o meu ser deixou de ter forças e caiu.

Porque quando nos dizem 'Morreu' nós sofremos, mas há sempre uma parte de nós que não sofre porque acredita que pode ser mentira, pode ser engano, um erro. Até que os nossos olhos se abrem e vêem a realidade. Acabou e nós não podemos negar mais. Temos de dar razão à razão e morre uma parte de nós, a parte que acreditava e que nos iludiu. O que senti é difícil, impossível de explicar, mas ainda está cá dentro e só vai desaparecer quando eu desaparecer. Sentei-me num dos bancos que estavam encostados à parede, enquanto não estava mais ninguém ali, entre nós, e chorei, como se fosse uma criança que tivesse acabado de cair da bicicleta.

Naquele momento, que não sei quanto tempo durou, só estávamos ali as duas, como nas noites em que os meus pais saíam e ficávamos só nós, a ver televisão. Também era assim nas noites em que eu acordava de um pesadelo e ela me dava a mão e ficávamos agarradas, à espera que o sono voltasse outra vez e fosse maior que o meu medo de voltar a fechar os olhos. Os meus pais viviam numa outra dimensão, bem longe da nossa. Só a minha avó conseguia adivinhar os meus sonhos mais secretos, aqueles que nem eu percebia e que não contava a ninguém. E só a ela é que eu contava tudo (TUDO) o que se passava comigo. Pela última vez, estávamos ali, só as duas. Eu sem saber nada dela. Sem saber se o tempo no hospital lhe tinha custado muito, se tinha sentido dor psicológica (física todos sabemos que sim), se tinha sentido falta de mim ou se se tinha sentido sozinha por um momento que fosse. Eu não sabia se ela estava bem, ou se simplesmente estava (num outro lugar, numa outra realidade).

A minha mãe e a minha tia acabaram por entrar também. Todas nós sentimos o mesmo ao entrar. Há sentimentos universais, ou então formas de sentir universais. Parece que apesar de toda a nossa diversidade, os nossos códigos têm uma base comum, base essa que nos faz perceber as acções dos outros, que me fez perceber aquelas lágrimas duplicadas. A minha prima também entrou.

Éramos 5. As 5 mulheres da família, todas juntas como nunca tínhamos

*"Naquele momento,
que não sei quanto
tempo durou, só está-
vamos ali as duas..."*

estado antes. Como nunca voltaríamos a estar outra vez. Quando voltei a olhar para o corpo da minha avó já vi mais do que a minha avó. Ou então vi menos, dependendo do ponto de vista. Olhei e vi um corpo, como aqueles que tinha estudado no secundário, que representava cada vez mais matéria e cada vez menos um ser humano. Isso começou a inquietar-me, fazendo com que não me sentisse bem na capela. Começou também a chegar algumas pessoas, com os seus olhares cheios de pena e a sua língua venenosa.

Não há nada que se queira ouvir em momentos de perda, o que faz com que não exista nada suficientemente bom ou aceitável para se dizer. Normalmente, até seria melhor não dizer nada, apenas ouvir o outro lado, porque do outro lado, do lado da pessoa que perdeu, está um ser que tem tanta coisa no seu interior que se não o expressar de algum modo não vai conseguir ultrapassar o momento. Tenho a certeza que todas as pessoas, ou quase todas, teriam ouvido em vez de falar. Mas falaram e cada vez que me obrigavam a responder a uma pergunta obrigavam-me a lembrar de pormenores que eu queria esquecer, obrigavam-me a falar quando eu queria estar calada e quando a emotividade não me deixava falar sem interrupção.

Pelo menos uma coisa eu consegui aprender com tudo isto. Agora já percebo porque é que as pessoas quando estão a velar os seus mortos ora estão bem ora choram copiosamente, principalmente sempre que chega alguém. O choro é um ciclo comandado pela memória e pela consciência. Quando se tem consciência de algo mau chora-se, mas como não somos (eu não sou, pelo menos) capazes de manter um pensamento 100% linear, vamos saltando de memória em memória. Começamos por pensar 'ela morreu', depois vamos pensando 'a partir daqui já não vou poder contar mais com ela, como quando...' e vamos nos perdendo nesses episódios que nos marcaram a existência.

Porém, quando já estamos na memória mais feliz, alguma coisa no mun-



do chama-nos à razão. Lembramo-nos de onde estamos e do acontecimento principal do momento, e voltamos a chorar. Qualquer coisa nos pode trazer de volta, o som de um sino na igreja, alguém que entra na sala, um telemóvel que toca, uma carteira que cai, uma mão no nosso ombro... Ou então o pensamento é circular, vamos saltando, saltando, até voltar ai início.

Na manhã de domingo, dia do funeral, levantei-me, tomei banho e preparei-me rapidamente. Vesti-me com a pompa e circunstância que a ocasião exigia. Não com a intenção de festejar, mas porque achei que se tinha de me despedir do ser que foi e será o mais importante na minha vida tinha de o fazer com todo o impacto que a situação exigia, tinha de ser a mulher que a minha avó criou, a despedir-me dela, não uma qualquer criança chorona, sem vontade de viver, sem motivações. A despedida não tem de ser marcada pela dor.

Algum tempo depois de lá estarmos vieram pedir às pessoas para passarem para a outra capela, maior e com um altar, onde seria celebrada a missa. Todos saíram. Eu fiquei, sentada a vê-los trabalhar, tirar todos os ramos de perto do caixão, tirando o tule que cobria o corpo, deixando apenas o ramo dos netos, aos pés da nossa avó. Pegaram na tampa e eu chorei, porque comecei a ver como seria, daqui por uns tempos, quando me quisesse lembrar do seu rosto, da sua voz, e não fosse capaz. Mas vieram-me buscar para a missa.

Falou-se de vida, de morte, de um local onde supostamente uma e outra se haveriam de tocar e onde nos encontraríamos e viveríamos felizes para sempre, sob a guarda de uma entidade onnipresente e onnipotente que nos ama acima de tudo o que a outra entidade,

menos, é certo, e má, pudesse inventar. Falou-se numa chama que nunca se poderia apagar e de uma fé tida como inabalável.

Só era possível os familiares levarem o caixão depois deste estar no cemitério, bem perto da cova, só pelo simbolismo, nada mais. Ao chegar ao local, dei um passo em frente.

Se pegar no meio é mais leve.

A avó é minha, eu é que sei.

A pega era de veludo, que ainda sinto entre os dedos e a palma da mão com que escrevo. Quando os funcionários largaram o caixão percebi o peso real daquele objecto tão simbólico. Lembro-me também da dificuldade que senti em equilibrar-me em cima dos tacões agulha. Senti as pedras por baixo dos meus pés, como se estivesse a caminhar descalça.

Quando chegamos ao lado da cova, tivemos de largar a pega. Sem poder tocar o caixão, segui-o. Vi terra começar a cobrir a madeira e afastar-nos ainda mais. Não conseguia chorar, só observar.

No adro da igreja, o que restava da família esperava-me. Prometemos estar sempre juntas, mesmo sabendo que não era preciso porque sempre estivemos, nos bons e nos maus momentos. Tínhamos de seguir em frente e foi o que fizemos. Nessa tarde, de um modo um pouco triste. No resto do dia só fiz coisas de que gosto, com pessoas de quem gosto e que gostam de mim e que nesse momento me provaram que a única coisa que podemos partilhar com aqueles que amamos é a vida. Jamais a morte!

Já se passaram muitos anos. Seis anos para ser mais precisa. Faço (e sempre fiz) os possíveis para não ir ao cemitério, ao contrário das outras mulheres

da família. E, por muito que tente, não as consigo imitar, ou tão pouco entender. Não consigo entender o porquê de terem de ir frequentemente a um local sem vida para se lembrarem de quem um dia esteve vivo.

O que não deixa de ser curioso, vindo de mim, que adorava ir a cemitérios para passear, ler ou estudar. A verdade é que alguma coisa mudou. Deixou de ser reconfortante aquele silêncio e passou a incomodar, como se recordasse que estamos sozinhos e que as vozes se calaram para sempre.

A segunda coisa mais triste na morte é o esquecimento. Vamos deixando de nos lembrar como era o seu sorriso, como era a sua voz quando reclamava por não querermos comer a sopa... Até que um dia, quando também nós morrermos, tudo vai dar lugar ao esquecimento, tudo deixará de existir. Ainda que existisse um qualquer lugar para onde irmos, de nada valeria porque não nos haveríamos de lembrar. Não nos lembramos hoje de nada além desta vida.

Invejo as restantes mulheres da família porque elas acreditam. É a fé delas que as move, dia após dia, apesar da dor. E a dor é, certamente, a primeira coisa mais triste na morte. A dor que nos dizem que vai passar com o tempo. A maior mentira contada alguma vez. O tempo pode permitir-nos encontrar um maior número de momentos de distração, mas quando nos lembrarmos a dor voltará. Vai voltar a doer com a mesma força e intensidade, como se fosse o primeiro dia, como se ela ali estivesse e o cenário voltasse a ser pintado de amarelo.

A única coisa que se esbatem são as memórias, que vão ficando mais fracas, mais diluídas, mais difusas. E, se calhar, um dia, não vai haver mais nada a não ser a dor, "um vazio implantado nos ossos". •



"O tempo pode permitir-nos encontrar um maior número de momentos de distração, mas quando nos lembrarmos a dor voltará."



Dúzia do Diabo

Charles Sangnoir



Morte, o 13º arcano do Tarot. Significa, como arquétipo, a mudança profunda e necessária, a colheita de frutos do passado, a inevitabilidade.

Juro que este humilde texto era para ter um cariz mais erudito, - mais esotérico até.; Andei a visitar o Kastenbaum, li a 'Grande Aventura' da Alice Bailey com o pseudo-entusiasmo de um acólito teosofista; consultei amigos tafófilos que gentilmente me facultaram mais informação sobre o tema do que grande arte dos mortais necessitaria (ou gostaria) de ter; caramba, até receitas de comida funerária experimentei.

Acontece, no entanto, que me dedico a escrever este texto, - e que teria tudo para ser dotado de uma profundidade plutónica sobre o assunto, - em vésperas da visita a Portugal pela actual chanceler alemã, facto que me traz à ideia toda uma outra vertente do assunto. De repente, recordo-me

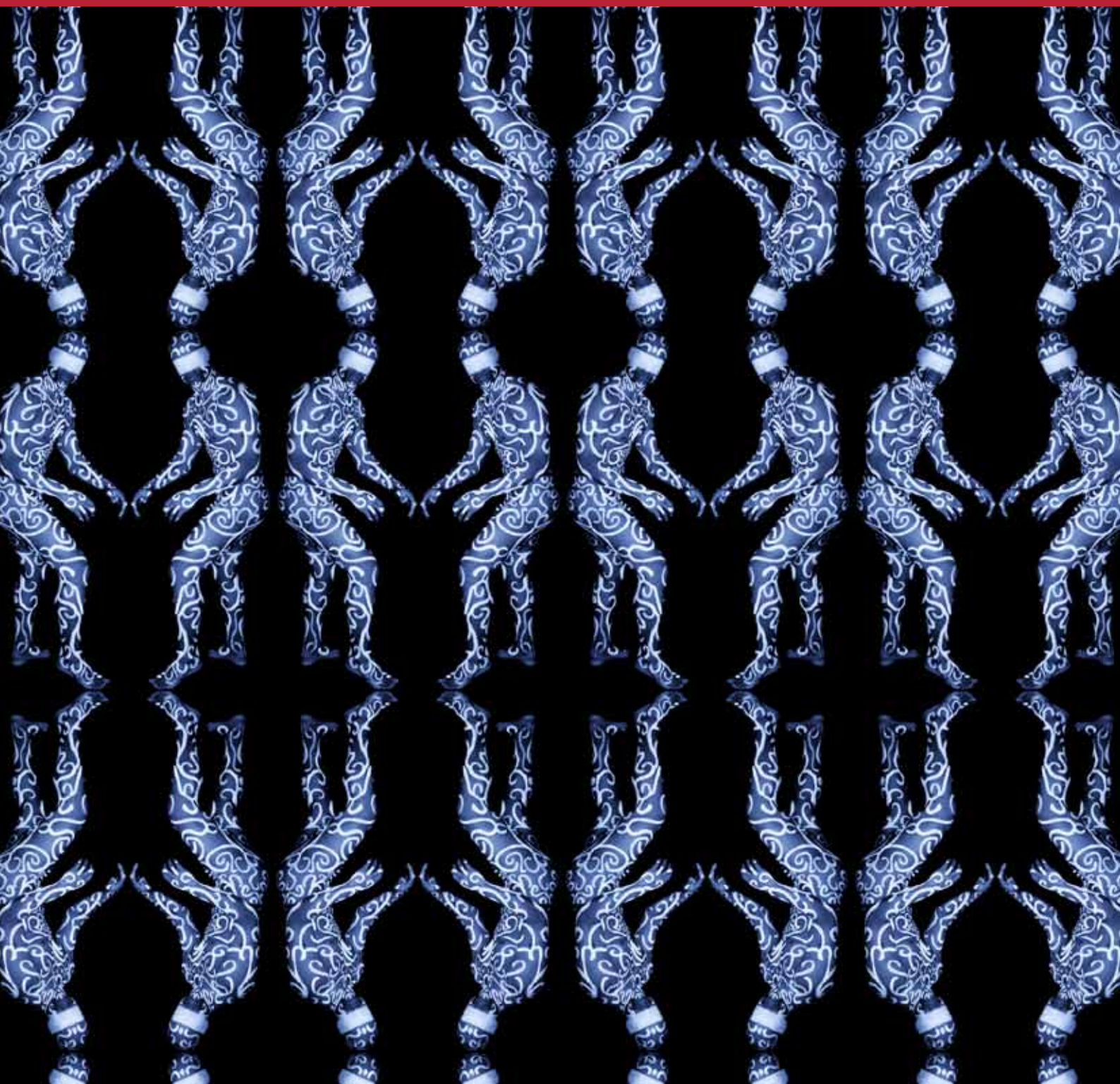
com uma lucidez incrível que o conceito de morte transcende o corpo, o ser humano, os animais em geral: também as ideias morrem, também a história morre, também os países morrem, tudo o que existe está à partida condenado a desaparecer.

A visita de Angela Merkel recorda-me o quão próximos estão da morte 900 anos de história de uma nação incrível, e ainda mais próximos do cadafalso que estão 40 anos de ditadura na história recente desse mesmo país. É a memória de um povo que teima em querer apagar e esquecer a fome e a miséria de um sistema político avarento que nos ia matando a todos desde a segunda guerra mundial até aos anos 70, e desta feita a placidez deste povo que adoro e teima em deixar-se abafar até ao sufocamento por 1) um regime político mentiroso e totalmente cego; 2) um regime económico externo que nos cobra dívidas contraídas por outrem.

Custa-me ver Portugal entregue à guilhotina pelos dentes do Fundo

Monetário, pelas garras de cobre da Goldman-Sachs, pela usura constante de toda a classe político-económica. Custa-me ver mentes brilhantes a fugir deste país por perceberem que não recebem daqui mais do que palha e desespero.

E pronto: o que era para ser um texto profundo e erudito sobre uma temática tão aliciante e envolvente como a morte acabou por transformar-se (lá está o arquétipo) numa crónica deprimidamente sobre o estado das coisas. Paciência. Se daqui a seis meses ainda houver sequer dinheiro para comer e me encontrarem na rua - com osso diabos! - tomemos um café, e terei todo o gosto em passar-vos uma bibliografia extensa. •



Uma finalidade Maior

José Macedo Silva



*"Ninguém, na vasta selva virgem.
Do mundo inumerável, finalmente
Vê o Deus que conhece.
Só o que a brisa traz se ouve na brisa
O que pensamos seja amor ou deuses,
Passa, porque passamos."*

(Ricardo Reis)

Assim, desta forma, com uma ode de Ricardo Reis ao ateísmo, permito-me avançar nos braços da morte, a negra senhora de foice na mão, ridicularizada com uma certa dose de humor por José Saramago no romance *As Intermitências da Morte*, mas, apesar de no texto ficcional, onde o Nobel português narrara uma morte intermitente, com dificuldade em cumprir o papel que lhe fora confiado pela natureza, fora dos livros, na vida de todos os dias, ela, a morte, é implacável, e, a quem me pergunta o que existirá além-túmulo, eu respondo de uma forma esguia, qual gazela na savana fugindo aos avanços da leoa, e numa atitude desinteressada, plagiando em voz alta e numa escrita convicta o conhecimento vetusto da cultura oriental, presente neste belo texto zen:

"A criança veio até ele trazendo
Uma tocha acesa, e ele perguntou-lhe
de onde tinha vindo a luz.

A criança soprou a chama e apagou-a.
Depois respondeu: "Diz-me agora
para onde
ela foi e eu dir-te-ei de onde vinha".

Ricardo Reis, ou Fernando Pessoa, se quiserem, tinha razão, quando dizia que os deuses e o amor passam, porque passamos, qual *deus ex machina* a rematar o final trágico de uma peça teatral grega sem fim possível à vista, antes, milhares de anos representada num palco qualquer da cidade de Atenas.

A origem do universo e o mundo post mortem são para o homem de hoje um grande mistério a que a ciência actual não consegue deitar a mão. Talvez, talvez mais à frente na evolução humana, jovem espécie sensível, organismo biológico e inteligente ainda na fase pueril do seu plano existencial, através da sua técnica possa este, o homem, explicar um e outro. O tempo o dirá.

Quanto a mim, que desde muito cedo bebi grandes doses de racionalismo, e tornei-me com o passar dos anos um fervoroso ateu ultra-racionalista, cumpre-me, aos olhos da ciência possível, observar o factor-morte mais do ponto de vista filosófico que científico-experimental, o que só por si é já ciência, ora não seja a filosofia a mais sublime de todas as disciplinas do conhecimento humano, um amor incessante pelo saber, e deduzir sob uma luz muito pessoal que, para lá da sepultura nada mais, *nihil obstat* que eu pense assim.

Do ponto de vista filosófico tudo será possível, desde um novo mundo para além da morte, uma existência assente em várias dimensões, um status meio budista meio indiano com todas as "ejaculações" desejadas do pós-Nirvana, e o Krishna do Mahabharata a tocar flauta, ou uma mescla de reencarnações, ou sei lá mais o quê: virgens, até, mesmo, a aguardarem sensuais e húmidas o guerreiro religioso e fundamentalista da jihad maometana, e toda uma miríade possível de anjos, estados religiosos, teologias e tradições judaico-cristãs, deístas, planos de alma, mundos etéreos, etcetera.

A morte não me interessa, muito menos me assusta. Espero-a, simplesmente. Quase nunca penso nela.

Dizia Marx, que a religião é um fenómeno social, uma forma de alienação — "«o ópio do povo»", que subscrevo integralmente. Quase ultrapassado que está o factor perverso das religiões, mitigado em certa medida, ressurgiu nos primeiros anos do século XXI o novo ópio social - a morte, com todos os medos e receios que carrega com ela. A prová-lo, a título de exemplo, as agressivas leis antitabaco.

Com elas perdeu-se aquela sensação de bem-estar, a tolerância pela fraqueza



humana, a ausência de um puritanismo desregrado, o necessário desejo de prazer, como dizia Epicuro: "chamamos ao prazer princípio e fim de viver feliz".

Hoje não, não se vive no e pelo prazer - quem fode sem preservativo(?); quem se embriega mais do que uma vez por mês?

Pois, estamos irremediavelmente agarrados à morte, tememo-la, queremos prolongar a vida para lá do inevitável. A vida passa, não damos por ela, cravados de medo e de receios, morreremos. - "Coitado, bem que podia ter sido feliz?!", - dizem os vivos. "- É tarde, dorme, dorme.....companheiro e vizinho, dorme, dorme, adormece, vá lá." ,- repetem-lhe os mortos.

O que acontece depois da morte, é, à luz da ciência experimental, portanto, um mistério, tal como o é a relação entre a consciência e o mundo físico, mas, não restam dúvidas quanto ao carácter das nossas mentes ser dependente do funcionamento dos nossos cérebros, considerando os inúmeros



casos de quase-morte, em que, pessoas que se encontram às portas da morte parecem encontrar regularmente os seus entes queridos. NÃO!!! Meus caros. É um redondo NÃO. Não é para mim, como racionalista, mesmo que do ponto de vista filosófico, a prova de uma vida para além da existência; sim uma prova cabal de um córtex fusiforme intacto, no hemisfério direito, um cérebro limpo de prosopagnosia, que permite ao moribundo reconhecer as faces de familiares e amigos, mesmo que sobre o efeito de poderosos anestésicos.

Há que, perante a morte, manter uma posição ateia, independentemente de todos os mundos(?) - que possamos perder -, dos medos, receios e anseios. Não mais perante a morte o temor reverencial que tem alimentado as religiões, nomeadamente os três poderosos monoteísmos, e, tenhamos uma atitude de afirmação e promoção da vida, de uma vida realizada e prazenteira, não nos deixando macular pela auto-

-ilusão, não padecer de comisseração fácil e mesquinha, e tenhamos em séria consideração o que Emily Dickinson afirmou:

“Por não voltar jamais
É que é tão doce a vida”,

e choremos, devotos e emocionados, com este soberbo recorte do livro De-compondo o Arco-íris do zoólogo e ateu Richard Dawkins, darwinista, discípulo da selecção natural. Linhas que há muito destinei a fim de serem cravadas no mármore branco da minha lápide, e que tomo a liberdade de transcrever:

“Vamos morrer e por isso somos nós os bafejados pela sorte. A maior parte das pessoas nunca vai morrer, porque nunca vai chegar a nascer. As pessoas potenciais que poderiam ter estado aqui em meu lugar, mas que na verdade nunca verão a luz do dia, excedem em número os grãos de areia do deserto do Shara. Seguramente que nesses fantas-

mas que não vão chegar a nascer se incluem poetas maiores que Keats e maiores cientistas que Newton. Sabemos isto porque o conjunto de pessoas potenciais permitido pelo nosso ADN DNA é esmagadoramente superior ao conjunto de pessoas com existência efectiva. Não obstante esta ínfima probabilidade, sou eu, somos nós, que, na nossa vulgaridade, aqui estamos...”

A morte é um escândalo na vida de um homem, dizem-me.

Não quero saber, se antes e depois há sempre uma finalidade maior, por mim escolhida - há a vida e os homens, precisamente. •



Além Morte

Aires Ferreira



*Depois de anos de desgaste e atrito, vi-me aflito de dentro para fora.
É o costume. Excesso, excesso e sem demora o branco vira negrume.
Deixas as explosões de fogo em troca de lume bravo de isqueiro.
Anestesia, anestesia o dia inteiro.*

Até que vertes, escorres, sangras e
morres, a um canto.
Não és demónio, não és santo.
És pranto pineal e neurónio a funcio-
nar mal pela falta de balanço.
No fundo, um pato a querer ser ganso.

E jamais serás bonito,
é mesmo só uma questão de infinito;
Expansão!

Um cérebro alterado pensar melhor.
É instrumento que estando parado ten-
de sempre para o pior.

Não se esforça a parecer bem
nem tem moedas.
As quedas, são para deixares de cair
só foge ao medo quem até o fugir teme.
Um leme que só tu podes guiar.
Ir sempre, mas nem sempre, voltar.

Presos a espelhos
reflexos velhos
d'uma caverna que insistimos
em não abandonar.

Deixemos as sombras, e vamos planar,
na luz.

No princípio, não havia nada.

Não eras, sequer
Discos e Esferas, para começar

sempre em movimento
sempre a girar.

Nem confuso, nem doente,
apenas um obtuso pedaço de gente

que não sabe estar calado.

Um não-sei-o-quê nunca saciado
e pressa no abandono da condição.

Sou mais velho do que imaginas.

Restam-me apenas as mais finas
e desconhecidas estradas rumo à
morte.

E tu que a temes, sabe-o claramente:

Nenhum de nós morre efectivamente
e o mesmo se passa com o parto.

Partir, em direcção, a uma nova via-
gem.

A reciclagem, é eterna. •



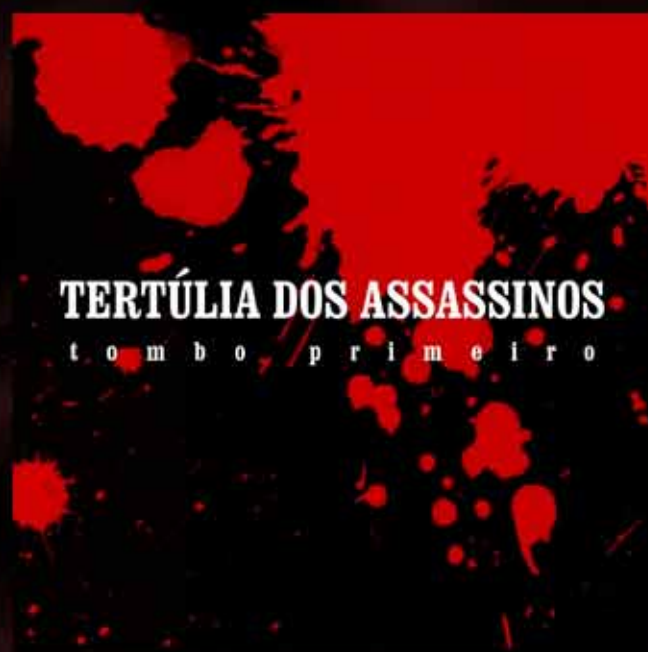
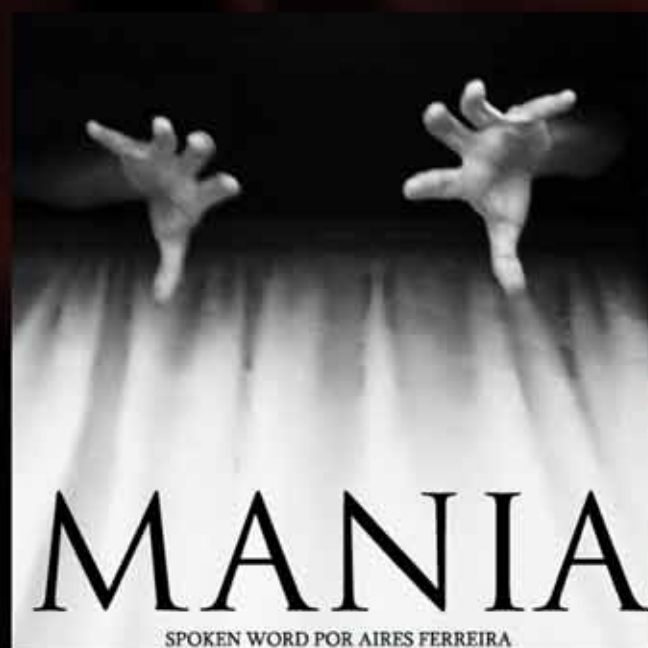


Necrosymphonic Entertainment

messing with your head since 2003



O poder da palavra está mais forte do que nunca.



Descobre todo um universo do intelecto transgressivo em:

www.necrosymphonic.com